

O Organizador Operário Internacional

Porta-voz da Fração Leninista Trotskista Internacional - Nova Época



Parte 1
Vol. 1

Setembro 2010 - Valor R\$ 2,00 / Solidário R\$ 5,00

RESOLUÇÕES DO SEGUNDO CONGRESSO DA FLTI

As massas levantaram-se e lutaram contra o ataque dos capitalistas e seus governos, o saque do imperialismo e suas massacres contra revolucionárias



Grécia

Por um congresso nacional de delegados de base!

*Que comece a
revolução*



Quirguistão

Com uma ação independente de massas, desarmando a polícia e derrotando ao governo Bakiev

*Começou a
revolução proletária*



Tailândia

Com revoltas pelo pão, o trabalho e a terra

*As heróicas massas da
Indochina voltam a lutar
contra o imperialismo*



Em Grécia: ante o crash da economia, livra-se uma batalha decisiva da guerra de classes entre o imperialismo e a classe operária europeia e mundial. São eles ou nós! Que a crise a pague os capitalistas!

Unindo as forças dos comitês de fábricas, as organizações de luta e os comitês de autodefesa,

Garantamos a Greve Geral do 5 de maio para derrubar a Papandreu

QUE COMECE A REVOLUÇÃO!

Desde a Rede Sindical, o sindicato de trabalhadores imigrantes e os comitês de fábrica, convoquemos a um Congresso Nacional de Delegados de base de todo o movimento operário e os explorados

Por um governo operário e camponês para impor um Plano Operário de Emergência para garantir o pão, o trabalho, a saúde e a educação com a expropriação dos expropriadores

A bancarrota grega: a ponta do iceberg da crise e o estalido europeu. Rompe-se o equilíbrio entre o marco alemão e o dólar, que de forma parasitária sustentou ao euro e à utopia reacionária de uma Europa imperialista unida

Como fosse o estalido da bolsa do Shanghai de 2007, o estalido da bolha imobiliária dos EUA de 2008, e como fosse a bancarrota de toda a banca imperialista do Wall Street; sob os golpes da crise econômica mundial imperialista que se desenvolve vertiginosamente, hoje estoura a bomba grega. Bomba e bancarrota que ameaça com arrastar a toda a Europa imperialista à crise econômica mais grave desde o pós-guerra.

Como do chapéu de um mago, saiu um novo coelho do marasmo deste sistema imperialista putrefato. Para ocultar o parasitismo do capital financeiro internacional, todos tentam silenciar quem se

gasto e como se contraiu essa monumental dívida de 320 bilhões de dólares que hoje declarou numa verdadeira bancarrota à Grécia imperialista. O único que deixam claro a classe dominante e os parasitas do capital financeiro é que são a classe operária e os explorados de Grécia os que têm que pagar.

Quando todos os banqueiros de Wall Street anunciavam perdas por mais de 14 trilhões de dólares, preços na bolha imobiliária de EUA; quando nessa bolha ficou preço o 37% dos ativos de todos os bancos imperialistas europeus; quando ficava claro que uma oligarquia financeira mundial se tinha gastado a conta benefícios ainda sem produzir por 90 trilhões de dólares, “começava” a bancarrota de Grécia, o crash espanhol, a bancarrota irlandesa. Os “alces” e “belos unicórnios” da Europa imperialista começavam a transformasse nos chamados “PIGS” ou “porcos” na linguagem dos banqueiros imperialistas.

A Grécia imperialista se sustentou em seus ciclos de expansão anteriores e em seu “crescimento” unido a Maastricht, sob os signos

do parasitismo e a bancarrota do sistema imperialista em crise e decadente. Maastricht se sustentou como uma ficção, com um euro ou moeda única financiada pelo dólar.

Que podia nivelar o valor da produtividade do trabalho de Alemanha, expressado no marco alemão, para que tenha uma moeda única, com a Irlanda atrasada, com a peseta de um imperialismo de segunda como Espanha, com a lira italiana sustentada em duas ou três capitais multinacionais e os fundos do vaticano, para ter um valor igual ao ex franco francês, sustentado na mais alta produtividade do trabalho em ramos da economia como a aeroespacial, as montadoras, a química?

Como se pode estabelecer um signo igual entre essas moedas que expressavam valores de produtividade totalmente diferentes em nações que produziam bens com diferente produtividade e riqueza? Como fazer que um marco alemão, que concentra a produção de máquina-ferramenta com maior tecnologia do planeta, valha o mesmo que a moeda de um Portugal cuja recordação de país florescente no mundo tão só é seus portos com alguma caravela do século XIX como monumento?



A crise grega revela o segredo de Maastricht, o segredo da unidade das potências imperialistas européias. Faz-lhe um striptease e nua ante o fogo quente da vida o parasitismo com o que funciona o capital em sua época imperialista.

A Europa de Maastricht se criou e se sustentou sobre o eixo franco-alemão e o valor do marco, que lhe deu a unidade de medida ao euro. Como o mostra a crise grega, o que garantiu que as moedas de nações imperialistas atrasadas da Europa, que representam menor valor de bens e de produtividade do trabalho, equiparassem-se com o valor do marco alemão, isto é do euro, foi o dólar.

Com o dólar, como surge das contas secretas da Grécia, e agora também da Espanha, da Portugal, da Itália e de todos os “PIGS” (porcos), financiou-se às moedas atrasadas para colocá-las ao valor do marco alemão e do franco francês e pôr ao euro como unidade de medida da moeda européia.

Foi em acordos secretos com todos os governos da Europa, exceto França e Alemanha, que EUA financiou os déficits dos Estados, que para entrar à União Européia, não podiam superar o 3%. Isto é, que não podiam desvalorizar suas moedas. Ao revés, tinha que sobrevalorizar para atingir ao marco alemão, e sem déficits dos Estados. Essa diferença a financiava a city do Wall Street.

Como demonstram os acordos secretos com Grécia, assinados a costas do povo e dos explorados -como se fez na Itália, na Portugal, na Espanha, na Irlanda e, como veremos depois, também no este europeu- os bancos parasitas do Wall Street, financiavam as moedas

dos países imperialistas atrasados da Europa com fortes empréstimos e créditos a alta taxa de interesse. A cobrança destes créditos, a 20 ou 30 anos, era garantida pelos Estados com a entrega dos impostos de exportações, importações, alfândegas, cassinos, parte do imposto ao consumo, de lucros, etc.

É que, depois dos 320 bilhões de dólares de dívida da Grécia, aparece que o déficit foi provocado porque um terço ou mais dos impostos foram para pagar-lhe à JP Morgan e A Goldman Sachs os créditos usurários com os que rapinarem a riqueza criada pela classe operária grega, sócios à grande burguesia desse país. Tão é assim que Karamanlis ontem e Papandreu hoje são velhos diretores e acionistas da Goldman Sachs e da JP Morgan. Esta é a associação

do capital grego com o capital do Wall Street no saque da Grécia e da classe operária desse país. O circuito até agora, fechava. O “círculo virtuoso” fechava porque a sua vez Alemanha e em menor medida França, transformaram a Europa em seu espaço vital comercial. Por isso Grécia é grande devedora em sua balança comercial fundamentalmente da Alemanha, e em menor medida da França.

Que são então os 320 bilhões de dólares de bancarrota da Grécia? Nem mais nem menos do que os benefícios que se embolsou o Bundesbank da Alemanha e os bancos do Wall Street do que a classe operária ainda não produziu. É o sistema imperialista mundial e seu capital financeiro comendo-se os benefícios que o trabalho humano não produziu.

Da mesma maneira que nos EUA o negócio eram as hipotecas das hipotecas sobre as hipotecas, que faziam valer um bem dois ou

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

WEB:

www.democraciaobrera.org

BLOG:

<http://conscienciaeluta.blogspot.com>

MAILS:

varnguarproleta@hotmail.com
fltinternational@gmail.com

três vezes seu valor, a bancarrota grega hoje nada mais é, do que o trilhão e meio de dólares, contraídos como dívida por Grécia nos últimos 10 anos com a banca do Wall Street, feitos figurar em seus balanços como “intercâmbio monetário contra pagamento de impostos”, que secou os recursos dessa nação, que a sua vez tinha que pagar todas as importações que realizava com Alemanha e com França para manter seu consumo e sua produção.

Poderíamos afirmar que ano a ano, o capital financeiro alemão, francês e os parasitas do Wall Street se puseram em seus bolsos dois ou três vezes o valor do produzido na Grécia.

O crash grego, como ela mais débil da corrente de domínio imperialista, deixou ao nu que a Europa de Maastricht não era mais do que Alemanha, e em menor medida França, usando a Europa como mercado para suas exportações, enquanto EUA financiava com créditos leoninos a moeda única nos países mais débeis.

O capital financeiro internacional se comeu os benefícios, e agora os parasitas querem que a classe operária lhes pague a crise

Aproximava-se o dia 19 de maio e os empréstimos da Europa e o FMI não aparecia para resgatar a Grécia. O grito alemão era “não vamos financiar nós o que se gastaram os gregos”. As ligas do Bundesbank sabiam que se Europa punha o dinheiro também resgatavam o negócio dos bancos do Wall Street, que já têm garantido a cobrança de seus empréstimos clandestinos a Grécia (e aos “PIGS”) com a cobrança de impostos posto como prenda de pagamento.

“Se não ajudamos”, dizia Sarkozy, “não cobramos a dívida comercial que temos com Grécia”. E todos os “PIGS” (porcos) unidos gritavam: “prestemos-lhe a Grécia!”. Esfregavam-se as barbas a monarquia espanhola e Berlusconi olhando-se no espelho. Todos fecharam filas exigindo-lhe a seu sócio Papandreu, “pomos os 120 bilhões de dólares e respaldamos os vencimentos da dívida grega, com um terço posto pelo FMI, se vocês garantem arrancar-lhe os fundos para pagá-los à classe operária grega sacando-lhe os Aguinardo, despedindo empregados públicos, reduzindo o salário, impondo a flexibilização trabalhista nas fábricas, afundando as aposentadorias”. O grito de guerra foi “Ataquem e prestamos!”.

Essa é a forma de que se mantenham os negócios. Os parasitas imperialistas concentraram na Grécia todas suas forças para achatar ao proletariado grego, manter o ciclo de negócios e cobrar sua dívida.

É sob estas condições que a burguesia descarrega um brutal ataque contra as massas, e estas responderam preparando já a terceira greve geral que impuseram a base operária e os imigrantes às direções, aos sindicatos e às organizações operárias.

Uma feroz luta de classes, uma guerra de classes se desatou na Grécia. A burguesia e o imperialismo concentraram ali suas forças, e ali deve concentrá-las o proletariado internacional.

Nesta batalha decisiva que o proletariado mundial hoje libra na Grécia, define-se quem pagará os custos da crise econômica mundial: se os explorados ou os exploradores. A guerra de classes entre o imperialismo e a classe operária mundial, entrou hoje na Grécia em momentos decisivos. Nenhuma das duas classes, nem a burguesia nem o proletariado, podem conviver pacificamente; nenhuma das duas classes em conflito pode salvar-se sem afundar a sua classe inimiga.

O punhado de parasitas cortadores de cupons, proprietários da Goldman Sachs, a JP Morgan, o banco Paribas, o Bundesbank, etc., através de Obama, Merkel, Sarkozy e a plana maior do FMI, deram-lhe a ordem a seu gerente, o social-democrata Papandreu, Premiê da Grécia, de que ataque decididamente às massas gregas para que sejam as quem paguem até o último centavo dos bilhões de dólares que os piratas imperialistas se gastaram e que saiu à luz com o estalido do Wall Street.

Papandreu, gerente da Goldman Sachs, tão repressor, assassino e anti operário como seu antecessor

Karamanlis

É o que hoje comanda o ataque contra a classe operária grega a nome e a conta de todos os parasitas imperialistas do mundo



Em 2008, a classe operária grega, contra o assassino Karamanlis que já descarregava todo o peso da crise sobre a classe operária, golpeou a mesa e ocupou o centro da cena com greves gerais, com combates de barricadas, e já encostava ao regime odiado da Goldman Sachs e do capital financeiro grego. Dessa maneira, com seus combates nas ruas ameaçava não só com atirar ao governo assassino de Karamanlis, senão com abrir a revolução grega. Mas uma

santa aliança o impediu: por um lado, o stalinismo, desde a direção dos sindicatos, jogando um verdadeiro papel como carneiro e contra revolucionário; por outro lado, a política cretinamente sindicalista e parlamentarista dos anarquistas e os renegados do trotskismo, impedindo que o proletariado em seu primeiro embate revolucionário varresse a Karamanlis nas ruas, despojasse-se de

sua velha direção traidora dos sindicatos e avançasse a impedir a catástrofe que já caía sobre ele e que hoje sente em plena magnitude.

“Não há condições” gritavam, “a luta é defensiva”, enquanto a base operária derrubou na Tesalonica a toda a burocracia sindical e se tomava sua sede central. Agitavam que ali tinha que recitar poesias e conquistar um mundo da liberdade criativa e tão só lutar defensivamente pela liberdade aos presos. Assim fica demonstrado que a covardia da direção do proletariado é a responsável de que hoje a burguesia tente descaradamente descarregar este brutal ataque contra as massas.

“Não há condições” afirmavam. Quando o único que tinha era condições para atirar a Karamanlis com um combate de barricadas e greves gerais insurrecionais nas ruas, como o fizessem as heróicas revoluções de Argentina em 2001 e da Bolívia em 2003.

Tanto sobravam condições, que o regime pressuroso teve que adiantar as eleições para voltar a legitimar a um governo que estava totalmente deslegitimado pelas massas.

Assim lhe sacaram às massas a possibilidade de um triunfo derrotando a Karamanlis nas ruas, o que tivesse significado o descalabro do regime burguês grego e o início da revolução europeia. E lhe tivesse atado as mãos à burguesia para voltar a atacar.

Foram as direções traidoras as que lhe ataram as mãos ao proletariado em sua primeira investida. Isso permitiu que a troca burguesa de Karamanlis por Papandreu seja utilizada hoje para largar um redobrado ataque da burguesia imperialista grega.

Os operários gregos do 2008 não sabiam que depois de semelhante luta se ia roubar-lhe a possibilidade de derrotar o ataque da burguesia. Isso se o impôs sua direção que os levou atrás de diferentes frentes eleitorais, de unidade “de esquerda” de anarquistas, renegados do trotskismo, refugos do stalinismo; e os sacou do combate nas ruas para que com uma onda mentirosa e pseudo pacifista se fortalecesse um governo tão diretor da JP Morgan como Karamanlis, o de Papandreu.

Papandreu não veio com um pão sob o braço. Vinho com uma pistola posta na têmpora de toda a classe operária grega. Suas municações são: garantir a demissão de dezenas de milhares de contratados do Estado e por 3 anos fechar todo tipo de contratação; reduzir quase um terço os salários dos trabalhadores estatais e as aposentadorias; congelar os salários de todos os trabalhadores públicos e de empresas privadas durante os próximos 3 anos; aumentar o imposto ao consumo (IVA) a um 25 %; um aumento generalizado das tarifas, o combustível, o álcool e o fumo; e um roubo generalizado das caixas de aposentadorias aumentando a idade para o retiro.

É a classe operária a que deve pagar as perdas e a bancarrota dos capitalistas, quando são estes os que já se embolsaram as super lucros e se gastaram.

Este ataque liderado pelo social-democrata Papandreu faz empalidecer a seu antecessor Karamanlis, também gerente da Goldman Sachs, que por muito menos do que tem do que fazer Papandreu, deveu deixar seu lugar no governo para evitar ser derrocado pelas massas em 2008.

Todos os dias os parasitas acionistas dos bancos imperialistas e seus representantes, através da imprensa burguesa mundial, não se cansam de repetir que só se Papandreu ataca decididamente às

massas, eles estarão dispostos a pôr milhões de dólares para evitar o default grego, que significaria um golpe terrível e comprometeria imediatamente a corrente de pagamentos em toda Europa.

Com total clareza a burguesia imperialista lhe diz a Papandreu: “há que atacar às massas já, para fazer-lhes pagar nossa crise”. Todos os dias Papandreu diz para à burguesia imperialista que aplicará estas medidas, mas até agora, ainda que já despediu a milhares de contratados e levou o IVA do 19 ao 21%, ainda deve impor-lhe à classe operária grega este brutal saque que terão que pagar as próximas três ou quatro gerações do proletariado e as massas exploradas desse país.

A burguesia imperialista mundial quer que as massas paguem sua crise. Prepara as condições para conquistar sua vitória. Mas é absolutamente consciente de que isto somente poderá impor-lo se triunfa no terreno da luta física entre as classes em pugna.

As CONDIÇÕES SE CONQUISTAM. A burguesia, com o pérfido acionar das direções traidoras, procura e combate, com confiança de vencer, por CRIAR As CONDIÇÕES para achatar ao proletariado.

Por traição de sua direção, o proletariado não pode conquistar ainda as condições para sua vitória, e deve brigar nas piores condições. Aqui e lá deve retroceder e começar de zero, agora contra Papandreu, que dispara um ataque mil vezes superior ao de Karamanlis. Como nas jornadas revolucionárias de 2008, de novo o proletariado está por protagonizar sua terceira greve geral, esta vez em 2010.

Quem é o embusteiro, charlatão, servente da burguesia, que pode dizer hoje que não há condições e que o proletariado grego não criou mil e uma condições para parar o ataque dos capitalistas, para pôr de joelhos, com o pé no peito, à burguesia, e começar sua revolução?

O proletariado mundial deve entender que na Grécia se está jogando hoje o destino de nossa classe a nível internacional.

Toda a burguesia europeia e mundial precisa a derrota do proletariado grego. A tragédia é que por traição de sua direção, o proletariado não pode volcar todas suas forças desde Europa e a nível internacional para que triunfe a classe operária grega, para que comece a revolução na Europa.

Desde os “laboristas” ingleses, burocratas das trade uniões, que ontem chamavam às greves de por “trabalho inglês para os ingleses”; desde os traidores das centrais sindicais francesas que deixaram isolados aos operários imigrantes de Paris e aos jovens famintos das “cites” (bairros operários da França); desde as burocracias das centrais sindicais italianas e alemãs, que assinaram a redução salarial e a flexibilização para o proletariado; desde os traidores da AFL-CIO que entregaram à classe operária norte americana e ao movimento contra a guerra a Obama e deixaram isolados ao movimento imigrante para que seja atacado pior do que com Bush nos EUA, levantaram-se as forças contra revolucionárias que querem cercar ao proletariado grego.

No mundo semi colonial, como na Europa imperialista e nos EUA, o proletariado grego é isolado por esse V Internacional que, desde a burocracia castrista e os renegados do trotskismo, submete ao proletariado às burguesias nacionais, para permitir todos juntos que o capital financeiro concentre forças e ataque ao proletariado grego.

Já Gordon Brown, o premiê “laborista” inglês, que todos os partidos “anticapitalistas” chamaram a votar “contra a direita”, anunciou para Inglaterra (que tem um déficit igual ou superior ao da Grécia) que o que virá para os trabalhadores ingleses será “um ajuste pior do que o da Thatcher nos 80” que custará, como disse Churchill, “sangue, suor e lágrimas”.

A classe operária grega impôs o 5 de maio a greve geral.

Viva a classe operária grega!

Viva a greve geral!

Abaixo Papandreu!

Que comece a revolução grega! Que comece a revolução européia!

Todas as forças do proletariado internacional a romper o cerco à classe operária grega! Ali se joga o destino do proletariado mundial!

Anarquistas e renegados do trotskismo: uma frente por esquerda para pôr ao proletariado e sua greve geral como uma luta para pressionar a seu verdugo.

A propósito do cretinismo sindicalista dos reformistas

Depois da greve geral vitoriosa do 11 de março, todas as direções, desde o stalinismo aos anarquistas, desde o EEK ao resto dos renegados do trotskismo de Grécia, propunham que não tinha condições para derrotar nas ruas ao governo de Papandreu.

“Então não tinha condições para parar o ataque”, teria que lhes dizer a estes senhores estafadores do proletariado. Porque ou se derrota ao governo que impulsiona o ataque feroz contra o proletariado, ou este não tem solução, desde o ponto de vista da luta econômica.

Os reformistas lhe marcam ao proletariado o caminho a sua derrota, levando-o a uma luta de pressão contra Papandreu, para que este “não faça o ajuste” ou “o atempere” ou o “o morigere” ou pelo menos que “o adoce”. As margens de conciliação se acabaram. Já nem esmolas se podem fazer passar como reformas!

A bancarrota e o crash econômico estão aqui. A luta econômica do proletariado na crise e na bancarrota já não tem solução se não é como luta política de massas para derrocar ao governo e ao regime, ajoelhar à burguesia e avançar numa saída operária para a revolução proletária. É um combate onde terá vencedores e vencidos. **É uma guerra de classes aberta.**

A segunda greve geral, o 11 de março, imposta pelas massas tombando burocratas, foi “a greve” porque propôs quem é o dono da casa: se a classe operária ou seus verdugos do capital financeiro internacional. Propôs quem deve governar Grécia: se os parasitas capitalistas imperialistas ou o proletariado.

O cretinismo do reformismo põe aos pés à classe operária, a ajoelha, ante os inimigos e tenta transformar sua luta política de massas numa luta para conseguir migalhas quando o inimigo vem pela vida mesma de nossa classe.

Enquanto a burguesia põe na balança todas suas forças a nível internacional para achatar ao proletariado grego, este põe todas suas forças em duas ondas revolucionárias em 2008 e agora,

demonstrando como o proletariado argentino em 2001 e o proletariado boliviano de 2003, que aprendeu a lutar em momentos de crise econômica com luta política de massas. Com greves gerais políticas, que são lutas políticas de massas, porque nenhum operário crê que com uma greve geral consegue um peso de aumento salarial ou alguma reforma econômica. São greves gerais políticas para parar o ataque político do inimigo, para debilitar ao governo que ataca ao proletariado.

É uma monumental luta política que fala a linguagem da barricada, da assembléia, do comitê de fábrica, que une aos operários não por ofício ou profissão em lutas econômicas parciais, senão à classe operária contra toda a classe dos exploradores, sem distinção de profissão ou ofício, de nativo ou imigrante, efetivo ou contratado, empregado ou desempregado, operário agrícola ou da cidade, ou do Estado ou camponês pobre arruinado.

É luta política de massas que precisa dos organismos que já as massas embrionariamente puseram em pé como os comitês de imigrantes, os comitês de contratados, os comitês de fábricas, que lhes impuseram aos sindicatos e suas direções já duas greves gerais este ano e marcham a uma nova greve em 5 de maio. A direção reformista tenta esgotar em lutas de pressão a enorme energia do proletariado grego.

O cretinismo sindicalista e oportunista dos renegados do trotskismo, furgões de fila do anarquismo pequeno burguês, recolhe a mesma política entregadora das ações revolucionárias das massas que impulsionassem suas congêneres da Bolívia, da Argentina, do Brasil, da Venezuela e dos EUA para estrangular a luta do proletariado no continente americano e suas ações revolucionárias.

A miséria do oportunismo e do reformismo vai num ângulo de 180° com o que precisam as massas para triunfar: um verdadeiro organismo de alto-organização e democracia direta que centralize e coordene a todos os explorados em luta da Grécia, para pôr de pé o duplo poder da classe operária, dotá-lo da autodefesa necessária para parar à polícia brava e às bandas fascistas (que atuam hoje com Papandreu como ontem com Karamanlis) para garantir a greve geral e ações generalizadas vitoriosas do proletariado, para derrocar ao governo de Papandreu e abrir o caminho a uma insurreição vitoriosa da classe operária grega, para que comece a revolução.

Pese à covardia de sua direção, a classe operária se tem atalonado e responde ao ataque da burguesia

Apesar e na contramão de todas as direções do proletariado, frente a este ataque, a classe operária grega se levantou e em seus enormes combates disse: **“NÃO! Não seremos nós quem paguemos a crise provocada por um punhado de parasitas”;** **“NÃO! Nosso salário e trabalho não estão atados aos planos do FMI”;** **“NÃO! Não vamos pagar os negócios dos banqueiros”.**

Como já dissemos, desde que o governo de Papandreu saiu a anunciar junto ao FMI e ao Banco Europeu o acordo de “salvataje” e o plano de ataque às massas, como garantia para conseguir o dinheiro para evitar o default; a classe operária se lançou ao combate com greves, mobilizações, combates nas ruas, tomadas de fábricas, e lhe impôs à burocracia sindical estalinista e social-democrata o

chamado a uma ação unificada de todos os explorados para colar como um só punho: uma nova greve geral que continuará o caminho já traçado na grandiosa greve geral do 11 de março. O dia 29 de abril a burocracia, numa tentativa de encaminhar a combativa atividade das massas para poder conter a força que se está desatando, fixou a data para o 5 de maio.

A espontaneidade das massas demonstrou estar um milhão de vezes adiante, por perspicácia, astúcia e predisposição à luta, do que fizeram todos os Estados maiores da classe operária grega e de todo o proletariado internacional.

As massas não esperaram o passo dos dias no calendário dos burocratas. Anteciparam-se e demonstraram sua disposição ao combate. O 1º de maio, no Dia Internacional dos trabalhadores, centos de milhares ganharam as ruas em todas as cidades do país com mobilizações e combates de barricadas. As massas, sem que a burocracia nem nenhum partido reformista chamasse a fazê-lo,



puseram em pé seus piquetes de autodefesa e com pedras, paus e bombas molotov enfrentaram o acionar repressivo da polícia assassina de Papandreu. Dezenas de policiais terminaram envolvidos em fogo como todo o proletariado mundial pôde ver nas imagens que se transmitiam desde Atenas e Tesalonica. Nesta jornada os operários e os explorados atacaram os bancos, os edifícios públicos e os grandes comércios, despregando todo seu ódio de classe contra os exploradores e assinalando certamente quem são os inimigos dos trabalhadores. Por isso na praça Sintagma, no centro de Atenas, as massas ao identificar a um ex ministro burguês do governo de Karamanlis e seus custódios, moeram-nos a paus. Apesar e na contramão das direções sindicais, que em nenhum momento chamaram a começar já a ação decidida e a que a classe operária intervenha com suas organizações e despegue todas suas forças, os trabalhadores do transporte, os portos e a saúde pública continuaram suas greves. Dia depois de dia, depois do 1º de maio, mais e mais setores se incorporam ao combate.

Com sua febril atividade, o proletariado e as massas demonstram um estado de ânimo de combate pré-insurrecional. Disseram claramente, e o demonstram nas ruas, que não estão dispostas a pagar a crise. As massas por sua própria experiência compreenderam que não há mais lugar a ilusões, que à guerra desatada pelos ricos só se lhe responde com a guerra de classes do proletariado, com seus métodos de greves, mobilizações, ocupações, barricadas, piquetes para defender-se da repressão e combates nas ruas.

Com seu acionar os explorados demonstram que aprenderam a combater sob as condições do crash, porque desde o 2006 vêm

lutando contra a desocupação, a carestia da vida, a inflação, etc. Contra as sucessivas traições da burocracia sindical, os operários souberam conquistar suas próprias organizações de luta independentes como a Rede Sindical de trabalhadores contratados e como os sindicatos que puseram em pé os trabalhadores imigrantes, ignorados pelos sindicatos oficiais. O sangue derramado de Alexander e de Lambros Foundas fez compreender a necessidade de pôr em pé os comitês de autodefesa ante a repressão do Estado assassino, com seu polícia e suas bandas fascistas que atacam seletivamente à vanguarda operária.

Mas principalmente as massas, produto deste enorme e doloroso combate, sob padecimentos inacreditáveis, demonstram ter compreendido profundamente que para conseguir o pão e o trabalho, para impedir que as próximas três gerações de Grécia paguem o brutal saque dos banqueiros gregos e a burguesia imperialista mundial, em primeiro lugar, há que derrotar ao governo

assassino de Papandreu.

Esse é o grito de guerra que os trotskistas pomos como moção para que as massas gregas levem adiante em sua grandiosa greve geral que convocam para o 5 de maio. Não há outra saída. **São eles ou nós! Há que derrocar a Papandreu! Que comece a revolução!**

Não é de estranhar que as direções traidoras não se tenham posto à cabeça de preparar a greve geral do 5 coordenando os organismos que as massas conquistaram em suas lutas para pôr em pé o duplo poder, o poder dos explorados, convocando a um Congresso Nacional de delegados de base dos trabalhadores, os camponeses pobres e os soldados. Não querem pôr em pé os piquetes e os comitês de autodefesa, para enfrentar a repressão da polícia assassina de Papandreu e o ataque das bandas fascistas. Não querem que esta seja uma greve geral insurrecional que derroque ao governo, descalabro ao regime e inicie a revolução. Os imigrantes, perseguidos implacavelmente por todos os regimes europeus, sob as condições mais adversas, ignorados e recusados por todos os sindicatos, sem contar com nenhum apoio mais do que suas próprias forças, puseram-se em pé, convocaram e garantiram uma greve continental o 1º de março em toda Europa.

A esquerda reformista que na Europa dirige sindicatos, correntes sindicais de oposição, organizações estudantis, frente ao combate das massas gregas não moveu um só dedo, e se dedicou a dizer-lhe a toda a vanguarda que influência, que para parar o ataque na toda Europa há que votar a Gordon Brown contra os liberais e os conservadores na Inglaterra, aos Socialistas contra Sarkozy na França, etc. Basta! Rompam com a burguesia! As organizações

operárias de toda Europa devem votar como moção imediata: **Todos somos operários gregos! Uma soa luta continental para derrotar o ataque! Um Congresso Operário Continental na Atenas para unir nossas filias!**

Durante anos os renegados do trotskismo e seus partidos “anticapitalistas”, devidos em verdadeiros partidos social imperialistas, falaram de unir “à classe operária européia” sob uma luta nos marcos de Maastricht e da União Européia, por uma “Europa dos trabalhadores”. As correntes mandelistas, os seguidores do SWP de Callinicos, a LCR e seus partidos “anticapitalistas”, as esquerdas unidas da Espanha, as R e f u n d a z z i o n e Comunista da Itália, fizeram e realizaram mil e um frentes eleitorais na França, na Inglaterra, na Espanha, na Itália. Mil e um gritos pela unidade dos trabalhadores europeus cada vez que apresentam listas para seus euro deputados ou que chamam a votar a algum partido laborista ou social-democrata como mau menor.

Durante anos lhe fizeram crer à classe operária que podia ter uma “Europa unida e solidária” nos marcos de Maastricht e desta gruta de bandidos das potências imperialistas européias. Assim devieram em vulgares social-patriotas.

E agora, que com a classe operária grega se joga o destino da classe operária belga, alemã, francesa, russa, negaram-se e se negam a volcar todas suas forças para chamar a ganhar as ruas, a marchar sobre os sindicatos de toda Europa para impor uma luta unitária com os operários gregos, a enviar delegados das organizações sindicais para participar das jornadas de luta da classe operária grega, para pôr em pé um grande parlamento da classe operária européia sob o fogo granado do combate dos operários gregos.

Essa é a Europa social que precisa a classe operária européia!

Em Grécia se livra uma batalha decisiva da guerra de classes entre o imperialismo e a classe operária mundial

A burguesia imperialista é absolutamente consciente de que se derrota à classe operária grega, volcará a balança a seu favor na guerra de classes que aprofundou contra as massas do mundo. Uma derrota do proletariado grego deixará em muito melhores condições aos parasitas imperialistas para impor sua saída burguesa à quarta ronda da crise econômica mundial. São conscientes de que se

conseguem que os explorados da Grécia paguem o déficit do Estado grego, endividado num 123% de seu PIB por ter resgatado aos parasitas acionistas dos bancos e empresas do Wall Street, Londres, Paris e Frankfurt, poderão aplicar esta política na Europa toda, começando por Portugal, Itália e Espanha, que seguem a Grécia na lista dos países mais endividados de dito continente. A burguesia imperialista sabe que só uma derrota sobre as massas gregas lhe

permitirá impor uma saída e um equilíbrio para estabilizar o continente, ante o estalido do acordo de Maastricht, pára desde ali terminar de impor-lhe às massas de toda Europa o brutal ataque e derrotá-las para que paguem com “sangue, suor e lágrimas”, como disse Gordon Brown, o premiê “laborista” inglês.

A classe operária internacional e seus setores mais conscientes também sabem do que hoje seu destino se joga na Grécia.

A classe operária grega como destacamento de avançada dos explorados do mundo,

tem em suas mãos a possibilidade de abrir o caminho a uma contra-ofensiva de massas a nível mundial para que a crise a paguem os capitalistas. Se o proletariado grego derroca ao governo de Papandreu, abrindo a revolução socialista e a briga pela tomada do poder para dar-lhe uma saída operária à crise marcaria o caminho ao conjunto do proletariado mundial para fazer que a crise a paguem os capitalistas derrotando aos governos e regimes burgueses.

Assim a classe operária grega continuaria o caminho traçado pelas massas na ex república soviética do Quirguistão, que para parar o ataque do presidente Bakiev, agente de Obama, irromperam com uma ação independente de massas, armaram-se, derrotaram à polícia nas ruas, tomaram-se os edifícios governamentais e o parlamento, e derrocaram ao governo.

Esse delinquente Bakiev, financiado pelos ianques, aumentou de um dia para outro um 200% os preços dos produtos da canastra básica. A resposta foi uma insurreição espontânea de massas. O poder do Estado ficou desarticulado. Os operários tomaram as fábricas e as terras.

Os açougueiros assassinos do exército branco de Putin correram pressurosos a aconselhar-lhe à burguesia do Quirguistão que não saque ao exército, porque este se dividiria rapidamente e passaria do lado dos insurrectos. Ali se parou o ataque dos capitalistas e hoje o caminho por diante é que a classe operária se faça do poder e não se o entregue novamente a asas da velha burocracia stalinista, hoje devinda em nova burguesia servente da base ianque no Quirguistão.

Este golpe revolucionário das massas no Quirguistão é até onde devem chegar os operários da Grécia.

As direções reformistas o sabem. Eles sabem que se até ali chegam os operários gregos, estaríamos ante outra primavera de Praga, ante outro maio francês ou ante outra revolução dos cravos da Portugal.

E o que é mais importante, sob estes dois golpes revolucionários do Quirguistão e da Grécia, estaria posta à ordem do dia a unidade de toda a classe operária européia, que não termina na Alemanha senão nas estepes russas, país onde já saíram às ruas milhares de operários para parar o ataque do Papandreu russo, Putin, esse massacrador da nação chechena.

A não o duvidar que o combate grego reabrisse a luta pela revolução operária na Europa, pelos Estados Unidos Socialistas da Europa, que só se poderão conquistar com o combate pela restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias nos ex Estados operários do este europeu, entregados ontem pela marca stalinista.

Os operários de todo o continente europeu posam seus olhos no combate de seus irmãos gregos. O começo da revolução grega seria um enorme golpe do proletariado no coração das potências imperialistas européias, uma grande alavanca para romper o cerco que lhe impõe a burocracia, isolando-os país por país, para parar o ataque dos imperialistas em toda Europa. Seria um ponto de apoio onde centralizar as forças de toda a classe operária do continente, dos operários que batalham por entrar ao combate contra o feroz ataque imperialista como os trabalhadores da Inglaterra contra o governo de Brown, os operários que na Rússia saem à luta contra o açougueiro Putin, os operários do Portugal que procuram enfrentar ao governo social-democrata de Sócrates, e os trabalhadores imigrantes, o setor mais explorado do proletariado europeu, que o 1º de março organizarem uma jornada de greve em todo o continente.

O combate das massas gregas será também um revulsivo para que se voltem a pôr em pé os trabalhadores da Irlanda, Letônia, Polônia, Estônia, onde as burocracias sindicais assinaram acordos de demissões, reduções e congelamento do salário e se o impuseram às massas, provocando que por exemplo na Irlanda, novamente como no Século XIX, milhões de operários devam escapar do país para oferecer-se como mão de obra escrava na Inglaterra e Estados Unidos.

Mas a abertura da revolução na Grécia não somente comoverá a Europa, senão também poderia ser um choque elétrico para que a classe operária norte americana rompa a subordinação a Obama e retome o caminho da luta dos operários pelos direitos dos imigrantes e do Movimento pela Marcha de um milhão de operários contra a guerra, para enfrentar o ataque deste Bush tisonado, que já está fazendo-lhes pagar a crise dos salvatajes aos parasitas do Wall Street.

Também pode ser uma verdadeira alavanca para a classe operária de todo mundo, em primeiro lugar, para que as massas cubanas se ponham de pé e enfrentem o milhão de demissões que anunciou a burocracia restauracionista castrista. Um golpe às potências imperialistas no coração da Europa daria um enorme impulso ao combate das massas na África e Oriente Médio, Ásia e

América Latina, que padecem o brutal saque e a super exploração dos parasitas imperialistas.

A burguesia é consciente do caráter decisivo da batalha na Grécia. Sob suas ordens despregou a todas as direções reformistas das massas na Grécia e no continente, centralizadas internacionalmente desde o V Internacional do Chávez, Castro, os mandarins “vermelhos” do PC Chinês, do qual também faz parte o Partido Comunista da Grécia (KKE), com os renegados do trotskismo como sua asa esquerda. Seu objetivo é cercar e isolar o combate das massas gregas de seus irmãos de classe de todo o continente, e impedir que derrocando a Papandreu, iniciem a revolução na Grécia, que será a chispa que incendeie Paris e toda Europa, desde Portugal às estepes russas.

Pôs-se à ordem do dia o derrocamento do governo do Papandreu e o início da revolução na Grécia

As heroicidades das massas gregas com seus combates puseram à ordem do dia o derrocamento revolucionário do Papandreu. Essa é a tarefa do momento para derrotar o ataque dos parasitas imperialistas. **Para que a crise a paguem os capitalistas: Abaixo o governo do Papandreu, agente dos parasitas JP Morgan Chase, Goldman Sachs, Bundesbank e os bancos gregos!**

Os operários e explorados devem concentrar suas forças coordenando os comitês de fábrica e as organizações de luta da classe operária e as massas para garantir que a Greve Geral do 5 de maio seja um golpe decisivo para derrocar ao governo e descalabrar ao regime. **Que comece a revolução na Grécia!**

Para estender, centralizar e coordenar os organismos conquistados pelo proletariado e as massas em luta, como a Rede Sindical de trabalhadores contratados, o sindicato de trabalhadores imigrantes, os comitês de greve, há que convocar a um **Congresso Nacional de delegados de base** que chame aos operários e camponeses pobres a ir aos quartéis a procurar a seus filhos, maridos, noivos, irmãos, para que rompam com a casta de oficiais assassina do exército grego, e junto a eles pôr em pé a milícia operária, para preparar a tomada do poder e impor um **governo operário e camponês** que implemente um **plano operário de emergência** para que a crise a paguem os capitalistas gregos e os parasitas imperialistas ianques e europeus.

Para que tenha pão, trabalho, saúde, educação e futuro para a classe operária e os explorados:

Nenhum sacrifício! Há que desapropriar aos expropriadores!

Igual salário por igual trabalho para todos os trabalhadores, nativos e imigrantes!

Nem uma só demissão! Trabalho para todos! Pela partilha das horas de trabalho entre todas as mãos disponíveis! Todos a planta permanente!

Não ao congelamento e à redução salarial! Pela escala móvel de salários de acordo ao aumento do custo da vida!

Basta de negociados secretos entre os parasitas da Grécia, dos EUA e da Europa! Abaixo o segredo comercial! Pela abertura dos livros de contabilidade! Pela nacionalização sem indenização da banca e o comércio exterior sob controle dos trabalhadores!

Não ao pagamento da dívida! Nem um só euro nem dólar para a JP Morgan, Goldman Sachs, o Bundesbank, e seus sócios gregos, com a fome do povo! Pela expropriação sem pagamento e sob controle operário de todas as empresas imperialistas ianques, alemãs e da burguesia grega!

Contra as privatizações! Pela re nacionalização sem pagamento e sob controle dos trabalhadores de todos os serviços públicos e as empresas privatizadas!

Pela dissolução da polícia e todas as forças repressivas do Estado! Pela posta em pé de uma milícia operária para derrotar à casta de oficiais assassinos do exército grego!

Por tribunais operários e populares que façam justiça com os assassinos de Alexis, Foundras e os mártires operários!

Obama, Merkel, Sarkozy e toda a burguesia imperialista fecharam filas para sustentar a Papandreaou na Grécia, decidido a atacar às massas gregas, como um primeiro passo para impor a toda a classe operária do continente a política de “sangue, suor e lágrimas”. Na Grécia se está desenvolvendo hoje uma batalha decisiva para a classe operária europeia e mundial.

Para romper-lhe os dentes a essa santa aliança contra revolucionária da burguesia, sustentada pelas direções reformistas, é necessário que a classe operária europeia se ponha de pé com uma ação continental, seguindo o caminho marcado pelos trabalhadores imigrantes, para romper o cerco imposto a nossos irmãos de classe na Grécia e fazer realidade o grito de “chispa na Atenas, incêndio no Paris é a insurreição que vem!”

Para que não seja a classe operária europeia a que pague a crise, a classe operária grega deve triunfar.

Os comitês independentes de imigrantes e o movimento 1 de Março de 2010, junto aos trabalhadores gregos devem pôr-se à cabeça do chamado a um **Congresso Continental de delegados de toda Europa**, que se reúna em Grécia, para **unir todas as lutas e preparar uma greve continental.**

A classe operária norte americana foi submetida a seu verdugo, Obama. A esquerda social imperialista submeteu a luta dos imigrantes e o combate dos operários contra a guerra aos pés de Obama, e por essa via, hoje a classe operária norte americana, com milhões de demissões e milhões de famintos e desocupados é a que está pagando a crise dos banqueiros do Wall Street. Milhões de operários norte-americanos já têm visto que de nada serviram os cantos de sereia de Obama, das correntes da esquerda reformista e da AFL-CIO, que os estão fazendo pagar a crise.

A besta imperialista ianque, que invadiu agora Haiti, como ontem Iraque e Afeganistão, está fazendo-lhe pagar sua crise a

toda a classe operária mundial. Os operários norte-americanos, que têm ao proletariado grego como seu grande aliado no combate contra a Goldman Sachs e a JP Morgan, devem ganhar as ruas nos EUA. e romper com as direções que o submetem a Obama.

Tão só ontem, a AFL-CIO lhe fazia acatar aos operários da Toyota, a General Motors, a Volkswagen e de milhares de fábricas as demissões, as rebaixas salariais e a entrega das aposentadorias.

Tudo isso foi para financiar à oligarquia financeira da Goldman Sachs e a banca Morgan. A esses parasitas enfrenta a classe operária grega, aos mesmos que despediram e deixaram vivendo com 3 dólares por dia a mais de 45 milhões de operários norte-americanos.

Há que derrotar aos parasitas dessas 4 quadras do Wall Street para que a classe operária mundial viva!

Há que pôr em pé de novo a marcha do milhão de operários contra a guerra!

Há que voltar a pôr em pé a luta dos operários imigrantes, que hoje sofrem um ataque pior do que com Bush, pondo em primeiro lugar a demanda de, Fora ianques do Haiti, das maquiladoras de América Central e de toda América Latina!

Pela expropriação sem pagamento e sob controle operário de todas os bancos e empresas imperialistas de Europa que saqueiam a nossos irmãos no mundo inteiro! Pelo desconhecimento de toda a dívida externa das colônias e semi-coloniais com os bancos dos parasitas imperialistas!

Pela derrota das tropas da OTAN no Afeganistão, no Iraque e no Paquistão e pelo triunfo da resistência!

Abaixo Maastricht, a união europeia das potências imperialistas com seu parlamento fantoche e a moeda comum das multinacionais!

Abaixo o regime assassino da V República francesa e da monarquia espanhola e inglesa!

Fora Berlusconi, a Merkel e o governo do Bundesbank alemão!

Abaixo a Europa imperialista!

Pela restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias na Rússia, nas ex repúblicas soviéticas e no este europeu!

Pelos Estados Unidos Socialistas de Europa desde Portugal até as estepes russas!

Nas barricadas de Grécia, nos combates dos imigrantes escravizados na Europa imperialista, na luta operária contra o ataque imperialista, já surgiram os chefes da revolução proletária. Precisam um partido e um programa que os leve à vitória. Nesse caminho, os revolucionários internacionalistas da FLTI combatemos por conquistar um Comitê Organizador pela re-fundação da IV Internacional de 1938.

DECLARAÇÃO DE EMERGÊNCIA DO SECRETARIADO DE COORDENAÇÃO INTERNACIONAL DA FLTI.

Quirguistão

COM UMA GRANDE AÇÃO INDEPENDENTE DE MASSAS QUE DESARMOU À POLÍCIA ASSASSINA NAS RUAS, QUE OCUPOU A CASA DE GOVERNO E DERROTOU AO GOVERNO DE BAKIEV O AGENTE DE OBAMA

NO QUIRGUISTÃO ESTOUROU A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA!

A polícia fugindo do furor revolucionário das massas do Quirguistão



A CLASSE OPERÁRIA MUNDIAL DEVE SEGUIR O CAMINHO DOS OPERÁRIOS E CAMPONESES KIRGUIZES PARA QUE A CRISE A PAGUEM OS CAPITALISTAS!

No Quirguistão, ex república soviética muçulmana do centro da Ásia, a burguesia e o governo de K. Bakiev, agente de Obama, empurrados pela crise econômica mundial imperialista, descarregaram um brutal ataque contra as massas. Um aumento de 200% nos serviços de eletricidade e água, como assim também dos combustíveis e telefones móveis, fizeram que aumentassem de forma abrupta todos os elementos básicos. Ante semelhante ataque as massas irromperam, o passado 7 de abril, com uma enorme ação de massas espontânea que derrotou e desarmou à polícia assassina pondo em pé milícias operárias, ressurgindo os kurultays -assembléias populares-, ocupando os edifícios governamentais, queimando as delegacias e derrocando ao governo assassino de K. Bakiev, deixando nas ruas mais de 500 mártires.

O que motorizo estas ações revolucionárias de massas foi o incessante aumento da carestia da vida. Os explorados compreenderam que sem derrotar nas ruas ao governo e sua polícia assassina não há possibilidade de conquistar o pão numa nação afundada pela burguesia num fenomenal crash. Quirguistão vinha de ter um crescimento anual do 8,4%, para cair em 2009 a um 2,3% de forma abrupta, e a burguesia se jogou a que sua bancarota a paguem os explorados. Por isso, o governo do derrotado K. Bakiev vinha tentando impor uma bonapartização ainda maior do regime policial, aumentando sua escalada de perseguições aos lutadores operários, assassinando e encarcerando aos líderes dos partidos da oposição, fechando canais de televisão e páginas web que tinham uma política crítica com o governo.

Durante os primeiros dias de abril, as principais cidades de Quirguistão se povoaram de mobilizações e barricadas. Cada derrota aplicada à polícia pelas massas obtinha como resultado uma nova milícia operária marchando sobre a cidadela do poder para derrotar ao governo e frear o ataque dos capitalistas. As mobilizações em massa começaram a dar-se a partir da terça-feira 6 de abril nas capitais de províncias ou departamentos pertos à Capital como em Devastas, Naryn e Choi. Em Devastas, 10 mil pessoas se mobilizaram desde os bairros operários tomando as delegacias, prendendo-as fogo e armando-se enquanto se dirigiam à casa de governo. Ali, foram recebidos por uma forte repressão policial que respondeu com rajadas de metralhadora e munições de alto calibre,

com granadas de mão e gases lacrimogêneos, assassinando a vários manifestantes. Mas a mobilização superou ao cordão policial e chegaram até o palácio de governo, sacando do edifício ao Ministro do Interior e pateando-o até o cansaço. As massas derrocaram ao governo de Devastas e puseram em seu lugar um governador reconhecido por eles. Algo similar sucedeu em Naryn e Choi.

Muitos dos manifestantes marcharam depois sobre Bishkek, a capital do país, onde a quarta-feira 7, o setor burguês “opositor” estava chamando a realizar uma mobilização “pacífica e em silêncio”. Mas a mobilização, de arredor de 5000 operários e jovens explorados, superou à oposição de Roça Otumbayeva, e se enfrentou a uma brutal repressão com a polícia anti motim que atirava a queima roupa contra os manifestantes. Nessa verdadeira batalha campal, que deixou um saldo de arredor de 100 mortos e 1000 feridos, as massas derrotaram à polícia que fugiu como rata enquanto os manifestantes a espancaram, apedrejavam e lhe tiravam as armas. Uma vez desarmada a polícia, as massas se tomaram por assalto a Casa Branca (nome que leva o edifício presidencial), o Parlamento e diferentes edifícios governamentais, como assim também a central de polícia, que terminaram totalmente incendiados e destruídos. Também correu a mesma sorte a mansão de Bakiev, que foi saqueada e incendiada, onde os manifestantes mostravam ante as câmaras de televisão uma foto da mulher de Bakiev com um colar de diamantes e diziam “olhem estes diamantes, enquanto nós mal temos para sobreviver”.

Como parte das ações revolucionárias, hoje, centos de desempregados, tomaram em suas mãos a resolução do problema da moradia. Com paus e pedras, e as armas tomadas à polícia, desapropriam as terras dos fazendeiros instalando assentamentos nas cercanias das cidades, onde encontram mais possibilidades de sobreviver.

Na revolução de 2005, já as massas se tinham tomado as terras dos arredores de Bishkek e desde então milhares de pessoas vivem ali nas vilas que construíram sem permissão e por isso sem direito a nenhum serviço social. Agora os desempregados querem fazer o mesmo, mas exigem que os servidores públicos legalizem as tomadas, para o qual mais de 1000 se enfrentaram com a polícia.

Também os deficientes, ao redor de 200, tomaram-se a casa do filho de Bakiev -a parte que não foi totalmente queimada o 7 de abril- para convertê-la num refúgio, centro de reabilitação ocupacional e hospital para deficientes, porque a subvenção que dá o governo é de 15 dólares por mês. Por isso estão fazendo um abaixo assinado, que por agora tem 1500 assinaturas, exigindo que o governo legalize a ocupação.

Frente a isto e as tomadas de terras, o governo decretou que até junho -isto é, até que se realize o referendun- não se poderão fazer transferências de nenhum tipo de propriedade privada e decretou ademais a criminalização de tomadas de fábricas e estabelecimentos.

de Otunbayeva, onde se retirariam alguns ministros e servidores públicos do governo para ser substituídos por gente da “oposição” por causa do grande desprestígio e ódio que possui ao governo de Bakiev e seu regime policial ante as massas. A ação da quarta-feira 7 fez voar pelos ares este plano. O governo de Otunbayeva admitiu que “não se esperavam chegar ao poder desta maneira, tudo foi muito rápido”. **Este “governo provisional” é o que decidiu aquartelar ao exército -de acordo com as ordens recebidas do novo “Zar” Putin herdeiro dos Romanov que conhecem de revoluções- e não o usar para reprimir por medo a que a enorme mostra de decisão das massas e seu parcial armamento, termine por partir, com os soldados rasos passando a defender aos explorados.** Este governo provisório decretou o toque de



Viva as ações independentes das massas em Quirguistão!
Começou a revolução, viva a revolução!
A classe operária não deve deter sua marcha: Nenhum apoio ao governo burguês provisório!
Há que centralizar os organismos de luta da classe operária e suas milícias, destruir a casta de oficiais das FFAA e a base militar ianque e impor o poder operário e camponês mediante uma insurreição triunfante!

Esta heróica ação independente das massas derrotou nas ruas ao governo assassino de Bakiev, desarmou à polícia e deixou em ruína ao Estado e ao regime burguês. No entanto **por não contar com uma direção revolucionária a sua frente, o proletariado não tomou o poder expropriando à burguesia e impondo um governo operário e camponês**, o único governo que pode resolver as diligentes necessidades das massas. Isto foi aproveitado pelos impostores **da burguesia da “oposição” que tentam apropriar-se da revolução da classe operária quirguiz e que puseram a Roza Otunbayeva no poder.**

Este não era o plano inicial da burguesia opositora, que consistia em pressionar ao governo de Bakiev. Rosa Otunbayeva vinha chamando a mobilizações e protestos reclamando a democratização do regime e utilizando estas mobilizações para negociar um progresso das eleições. No entanto, o protesto das massas se lhes foi de controle porque estas irromperam de forma independente pondo em xeque ao Estado e o regime.

É que precisamente, prévio à ação de massas que derrocou a K. Bakiev estava-se preparando um governo de unidade com o partido

recolher mas este não se respeita e a polícia que seguia sem poder sair às ruas hoje se nega a trabalhar e se mobilizou ao Ministério de Defesa, exigindo a renúncia do ministro do Interior. Alarmados, o presidente russo, Dimitri Medvedev, junto ao ditador Islã Karimov de Uzbequistão, disseram publicamente que em Quirguistão o Estado já não existe e “há que o reviver” para evitar “a balcanização da região” ou “um novo Afeganistão”. As condições do governo encabeçado por Otunbayeva são de uma absoluta debilidade, e está fundamentalmente sustentado pela base militar ianque e por Rússia. Por isso é que preventivamente está chamando à realização de eleições parlamentares e possivelmente presidenciais para o 10 de outubro e a um referendun para o 27 de junho, a fim de conferir sobre a reforma constitucional, enquanto se decretaram dois dias de duelo pelos mortos na mobilização.

Assim mesmo, para favorecer sua “imagem democrática”, propõe que vai julgar a todos os que tenham participado no governo de Bakiev e seus negócios. Assim, já extraditou de Rússia ao ministro do Interior ao que se cria morto e em realidade estava ali hospitalizado, agradecendo-lhe a Moscou que o tenha devolvido a Quirguistão para assim poder julgá-lo.

Isto provocou que Bakiev retirasse sua renúncia, ainda que se mantendo fora do país acusando ao governo provisório de não cumprir com sua parte do trato, que era não tocar a sua família, muitos dos quais seriam membros do governo.

A resposta do governo foi pedir a extradição de Bakiev que está em Bielorrússia, em nome do tratado de assistência mútua que existe com esse país.

Quirguistão está localizado num lugar geopolítico estratégico. Era antigamente o que se conhecia como a “rota da seda” e quem

possua o controle dessa região hoje, controla o passo a Ásia, Oriente Médio e Rússia.

A restauração do capitalismo nas ex repúblicas soviéticas a partir de 1989, permitiu-lhe ao imperialismo ianque instalar em Manas, Norte de Quirguistão, uma base aérea desde onde se apetrecham e rotam mensalmente 50 mil soldados entre marines, que somam ao redor de 35 mil, e tropas da OTAN, e é desde ali onde se garante a ocupação de Afeganistão.

Ao mesmo tempo Rússia com seu exército contra revolucionário joga o papel de polícia interna em diferentes ex repúblicas soviéticas como em Quirguistão, ao mesmo tempo em que massacra em nacionalidades que oprime como a Chechena e Osetia do Norte.

No Quirguistão possui uma base militar em Kant, muito cerca de Manas, onde enviou 150 pára-quadristas e Putin saiu imediatamente a reconhecer ao governo de Otunbayeva, para que este lhe garanta que a insurreição quirguiz não se estenda ao resto dos países da zona, o que imediatamente poria ao ordem do dia o início da revolução na própria Rússia.

No Quirguistão ficou estabelecido um duplo poder: por um lado o das massas mobilizadas, as assembléias populares que ressurgiram novamente e suas milícias operárias. Pelo outro, um governo burguês ultra débil sustentado por um regime e Estado em crise que se mantém em pé pelo sustento do imperialismo e sua base militar, e pela nova burguesia russa que se joga a vida em impedir uma nova revolução de Outubro triunfante numa ex república soviética.

Por isto, segundo o calendário da Revolução Russa de 1917, estamos ante uma “revolução de Fevereiro” já que as massas derrubaram ao governo, estabeleceram um regime de duplo poder, mas ainda não avançaram à tomada do poder e esta é a tarefa imediata que têm por diante as massas no Quirguistão.

As massas devem fortalecer as milícias operárias marchando sobre os quartéis, e que cada quartel se converta em conselho de soldados que destrua a casta de oficiais do exército! A insurreição do Quirguistão deve avançar em destruir a base militar ianque! Há que expulsar às tropas russas de Kant, essa polícia interna repressora da nação quirguiz!

Para conquistar o pão, o trabalho, a terra e a independência nacional, a classe operária e as massas não devem reconhecer nenhum governo burguês, porque da mão, hoje, da Otunbayeva não obterão nem o pão, nem a terra nem moradias dignas!

Para isso, não devem deter sua marcha, suas mobilizações, as atuais ocupações das terras, as ocupações de fábricas. Há que procurar o pão onde está: há que desapropriar a toda a burguesia imperialista, nativa urbana e rural!

Para isso as massas armadas insurrecionadas desde os organismos de luta que conquistaram, desde as assembléias populares -kurultays- que tinham desaparecido depois de 2005 e que hoje ressurgem, devem pôr em pé e centralizar-se num forte organismo de operários, camponeses e soldados armados. A tarefa do momento é preparar uma insurreição triunfante para que a classe operária tome o poder.

E este é o único caminho para desapropriar à burguesia e restaurar a ditadura do proletariado sob formas revolucionárias!

O imperialismo e a burguesia internacional sustentam ao governo provisório de Otunbayeva
O caráter internacional da revolução no Quirguistão



Toda a política atual do governo burguês provisório junto ao imperialismo é para estabilizar rapidamente esta região altamente conflituosa. É que Quirguistão, uma ex república muçulmana soviética, encontra-se localizada na fronteira nordeste da China e ao norte do Afeganistão e cerca da fronteira com Cazaquistão desde onde o imperialismo ianque garante a ofensiva contra revolucionária e de ocupação do Afeganistão.

Assim é que Rússia e a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE) saíram de imediato a dar seu apoio ao governo provisório da Otunbayeva, inclusive economicamente. Mais tarde, vindo o desenvolvimento dos acontecimentos, enviados diretos do governo de EUA reuniram-se o 15 de abril com enviados de Rússia, a OSCE e a ONU em Cazaquistão. Mediante conversas telefônicas diretas dos presidentes desses países se ditou a K. Bakiev sua carta de renúncia e as condições da mesma para que a presente ante o governo provisório. Esta “missão de paz” convenceu ao governo provisório de deixá-lo partir a Bakiev “para evitar mais vítimas”, isto é para apaziguar às massas que dominam as ruas da nação quirguiz. É evidente que as diferentes potências imperialistas fecharam filas para evitar que a “revolução de fevereiro” quirguiz se aprofunde e tombe ao débil governo provisório, estendendo-se a Uzbequistão, e Tajiquistão e, sobretudo a Rússia, em momentos em que Putin tem que sair a reavivar os fogos nacionalistas contra Chechena e Daguestão para opacar as manifestações contra seu governo ante a brutal crise econômica.

O terror que lhes provoca a irrupção da revolução quirguiz e que esta se cole nas nações da região é o que lhe faz manifestar a Medvedev, presidente de Rússia, sua preocupação para que prontamente se “restaure o Estado no Quirguistão” já que o mesmo “não existe neste momento.” Enquanto Islã Karimov, que preside Uzbequistão teme que a instabilidade nesse país “se volte permanente”. E com temor recordava, que semanas depois da revolução “das tulipas” em 2005, começou um enorme

levantamento contra seu governo, levantamento que “deveu ser esmagado” brutalmente.

Por isso o triunfo da revolução no Quirguistão é inseparável da tarefa imediata de destruir a base militar ianque, tomar o poder expropriando à burguesia e estender a revolução a Tajiquistão, Uzbequistão, Turkmenistão, Cazaquistão, impondo a restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias. Por uma Federação de repúblicas soviéticas muçulmanas!

O triunfo da revolução proletária é de vida ou morte para as massas exploradas da região, já que o imperialismo que é reação em toda a linha, não permite que surjam nações independentes nem novas potências imperialistas; se esta não triunfa o imperialismo ocupará Quirguistão, o partirá desmembrando, com balcanização na região e imporá piores condições de fome, miséria e escravidão transformando a estas nações em novos protetorados, tal como o fez com Iraque.

Ao mesmo tempo, isto daria um enorme impulso revolucionário à resistência afegã, iraquiana, palestina e de tudo Oriente Médio contra o invasor imperialista. Porque um governo operário e camponês quirguiz poderia disputar-lhe a resistência afegã a direção burguesa, para que possa avançar em expulsar ao imperialismo com uma revolução que instaure a ditadura do proletariado em Afeganistão.



Da mesma maneira, **uma revolução triunfante no Quirguistão, seria um enorme impulso para a resistência chechena contra as tropas brancas do açougueiro russo Putin** e impulsionaria o combate do proletariado em todas as ex repúblicas soviéticas, onde a restauração capitalista provocou a maior das catástrofes contra as massas.

Mas fundamentalmente, **o proletariado e as massas quirguizes lhe marcam o caminho pelo que deve avançar a classe operária grega para derrotar o ataque de Papandreu e dos parasitas do capital financeiro ianque e alemão, e que a “Chispa na Atenas” incendeie Paris e toda a Europa Imperialista com a revolução socialista.** Esta é a verdadeira fortaleza da ação das massas no Quirguistão.

A revolução no Quirguistão é o principal aliado dos centos de revoltas camponesas contra a burguesia dos “mandarins” vermelhos do PC chinês, e da heróica luta dos operários metalúrgicos de Tonghua e Lingzou que fizeram rodar a cabeça de seus patrões, revoltas e heróicas lutas políticas dos operários e camponeses que só podem triunfar abrindo a terceira revolução chinesa.

No entanto, a revolução quirguiz não pode sustentar-se se não se desenvolve como uma única e mesma revolução socialista em

todos os ex Estados operários, começando pela Rússia “dos novos Zares e seu exército branco contra revolucionário”.

A classe operária russa que vem levantando-se em mais de 50 cidades contra o ataque de Putin, não pode nem sonhar com derrotar o ataque do novo “Zar” dos stalinistas devidos em burgueses, se não levanta as demandas democrático revolucionárias das nações oprimidas pela Rússia capitalista. **O proletariado russo deve levantar o grito de Vocês “fazem as guerras, nós pomos os mortos” Fora as tropas russas do Quirguistão! Fora o assassino Putin e seu exército branco da Chechena Pela derrota do exército russo e pelo triunfo da resistência chechena! Por uma Chechena independente operária e socialista! Por um Quirguistão soviético operário e socialista!**

A classe operária russa deve impor a unidade com a classe operária de Armênia, Azerbaijão, Geórgia, Letônia, Lituânia, e Ucrânia para derrotar ao imperialismo ianque propondo em primeiro lugar: **O inimigo esta em casa, é Putin, a burguesia russa e seu exército branco opressor e assassino!** Só neste caminho, o proletariado russo poderá derrotar o ataque de seu governo e acaudilhar o combate pela restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias. Esta é a tarefa que se desprende da

heróica revolução posta em marcha pelos operários e camponeses de Quirguistão.

A direção revolucionária que precisam para guiar este combate ao triunfo é a IV Internacional re fundada em base o seu programa de 1938 o partido mundial da revolução socialista, inimigo irredutível das direções traidoras do proletariado.

O reformismo se chamou ao silêncio frente à revolução quirguiz. Seu silêncio

não é paralisia, é a política de cercar a revolução desde as aristocracias e burocracias operárias dos países imperialistas e seus partidos reformistas de stalinistas e renegados do trotskismo. Assim o fizeram ontem com a grandiosa revolução em Madagáscar hoje cercada. Essas direções agrupadas no Foro Social Mundial e agora no V Internacional conspiram para levar ao proletariado à derrota. Vêm-no fazendo com o combate das massas gregas para que não acaudilhe a revolução em toda a Europa imperialista e assim o vêm fazendo no Latino América sustentando os pactos contra revolucionários das burguesias bolivarianas e o imperialismo vestido de Obama contra as massas.

São estes pactos contra revolucionários que atuam na Bolívia, na Colômbia, na Venezuela e recentemente na Honduras os que hoje permitem que a burocracia restauracionista dos irmãos Castro esteja avançando na restauração capitalista na Cuba. A revolução em Quirguistão é a força que precisa o proletariado cubano para sublevar-se contra a restauração capitalista e impedir uma enorme derrota para a classe operária mundial.

A FLTI localizada na barricada das massas revolucionárias de Quirguistão tem suas forças empenhadas em conquistar um Comitê Re-fundador da IV Internacional de 1938 para devolver-lhe ao proletariado sua direção revolucionária.

SECRETARIADO DE COORDENAÇÃO INTERNACIONAL DA FLTI

Só a restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias nos ex Estados operários pode salvar às massas da barbárie

A restauração capitalista nos ex Estados operários, isto é, o aborto da revolução política no '89, a imposição nos Estados operários deformados e degenerados de governos burgueses restauracionistas –como os de Askar Akaev, Roza Otunbayeva e K. Bakiev- que impuseram a liquidação do monopólio do comércio exterior, da propriedade coletiva dos meios de produção e da economia planificada, interromper a ditadura do proletariado nos ex Estados operários do Leste europeu, em Rússia e em China. Isto significou uma verdadeira catástrofe para as massas. As nações que conformavam a ex URSS “serão independentes” da Rússia, mas ficaram como colônias ou semi colônias do imperialismo, o que permitiu a instalação de bases militares e milhares de tratados econômicos que configuram as cadeias de domínio imperialista sobre essas nações.

Este triunfo contra revolucionário, –graças à casta stalinista que deveu em burguesia- significou o desmembramento das forças produtivas das pequenas nações que estavam entrelaçadas nas ex URSS.

Quirguistão, ex república soviética muçulmana de pouco mais de 5 milhões de habitantes, ficou totalmente desindustrializada, com uma infra-estrutura industrial que ficou completamente obsoleta levando a uma enorme pobreza e miséria às massas. Atualmente, o rendimento per capita é de 740 dólares. A esperança de vida é de 65 anos para os homens –que maiormente morrem por alcoolismo- e de 75 para as mulheres. A metade da população sobrevive como pequenos camponeses ou operários rurais nas numerosas e isoladas aldeias agrícolas, especialmente no sul. A maioria dos operários industriais ficaram desempregados –aprofundando-se na crise econômica mundial atual- e se vêem obrigados a trabalhar como vendedores ambulantes tanto no Quirguistão como no Uzbequistão; os jovens, que são a maioria dos desempregados, têm que se oferecer como mão de obra escrava no Cazaquistão e na Rússia para as colheitas ou na construção. O 40% do PBI quirguiz o constituíam até 2009 as remessas dos 500-800.000 trabalhadores quirguizes imigrantes permanentes ou andorinhas nesses países. A crise mundial reduziu drasticamente essa entrada de subsistência para suas famílias, aumentando a miséria e o desespero.

A catástrofe que significou a restauração do capitalismo no Quirguistão a converteu, de fato, numa semi colônia do imperialismo que saqueia suas riquezas naturais como são o petróleo, o gás, suas grandes reservas de mercúrio, ouro e urânio, a produção de fumo e algodão para a exportação, como assim também as reservas de água que alimentam as centrais hidrelétricas para a produção em China. O ano passado a burguesia rasteira de Quirguistão renegociou o aluguel da base militar ianque triplicando o pagamento de 20 a 60 milhões de dólares, junto a 175 milhões de dólares mais do que pôs o imperialismo ianque “para infra-estrutura”, além de fechar suculentos contratos para abastecimento de combustível e

logística para a base.

A burguesia rasteira de Otunbayeva, como toda burguesia nativa, não pode dar nenhuma saída às necessidades das massas que se levantaram contra a carestia da vida. Com seu discurso de DDHH, o máximo que poderá dar o governo provisório é um pouco de maquiagem “democrática”. Mas já ficou demonstrado em 2005 com a chamada “Revolução das Tulipas” com a que as massas derrocaram a Akayev, que ao não intervir de maneira independente da burguesia, foi outro setor burguês, o da “oposição” (que nesse momento encontrava a Bakiev e Otunbayeva da mão o que ficou com o poder e levou a Bakiev ser presidente. Bakiev ingressou ao governo pregando uma política de Direitos Humanos e de democratização do regime, mas rapidamente bonapartizou o regime dissolvendo o parlamento em várias oportunidades. O governo que caiu a mãos das massas revolucionárias era o governo burguês dos Direitos “Humanos” e a “democracia”.

Quirguistão tinha conquistado seu caráter de nação com a revolução proletária de Outubro de 1917 dirigida pelo Partido Bolchevique de Lenine e Trotsky, como parte de uma Federação de Repúblicas



Trotsky fundador da IV Internacional e comandante do exército vermelho

Socialistas. Hoje, a 20 anos da restauração capitalista nos países do este de Europa e da ex URSS começou o trecho final da carreira por definir de que potência imperialista serão colônias, semi colônias ou protetorados diretos. É que a localização definitiva desses Estados na divisão mundial do trabalho ficou indefinida em 1989, como já definíssemos em 1999. Denominamos a estes países como capitalistas transitórios, já que o imperialismo não conseguiu resolver a seu favor o confronto entre revolução e contra revolução a escala mundial. É que o destino histórico destes Estados só pode estar determinado pelo resultado da luta de classes internacional: “ou o proletariado, e nele seus batalhões mais concentrados, as classes operárias dos países imperialistas, avançam no caminho da revolução proletária, dando impulso não já a uma revolução política, senão a uma revolução social nos Estados capitalistas transitórios, que restaure a ditadura do proletariado sob formas revolucionárias, que volte a desapropriar aos novos ricos e às propriedades imperialistas bem como aos bancos, que re imponha o monopólio estatal do comércio exterior, a economia planejada, e uma genuína democracia soviética; ou a contra revolução triunfante mediante crash, guerras, esmagamentos e derrotas históricas do proletariado internacional termine de incorporar a estes Estados à divisão mundial do trabalho como semi colônias, colônias ou protetorados diretos”. (“Os acontecimentos de 1989. A atualidade do programa dos revolucionários e os combates da classe operária mundial a fins do século XX”. Editorial R. Klement 2000). Por isso o levantamento das massas em Quirguistão põe à ordem do dia a tarefa histórica do proletariado quirguiz: a restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias nos países da ex URSS.

COMO ONTEM NA BIRMÂNIA, ANTE AS BRECHAS ABERTAS NAS ALTURAS...

As massas exploradas da Tailândia protagonizam revoltas pelo pão, o trabalho e a terra.



Voltam ao combate contra o imperialismo as heróicas massas da Indochina!

Desde faz já três meses as massas operárias e camponesas vêm protagonizando enormes confrontos contra o governo, a polícia e o exército na Tailândia. Suas demandas são a renúncia do principal assessor do rei, o Gral. Prem Tinsulaonda, e do premiê Abhisit Vejjajuvá e todos seus ministros, pertencentes ao Partido pela Defesa da Democracia.

O ex premiê Thaksin Shinawatra, que foi deposto em 2006 pelos atuais governantes, organizou uma frente único entre seu partido, a União pela Democracia e contra a Ditadura, outros partidos de oposição, setores da oficialidade do exército e uma junta de generais deslocados pelo atual premiê e o rei.

Foi esta frente burguês “democrático” o que chamo a fazer manifestações pacíficas para pressionar ao governo por eleições antecipadas para este ano, mobilizando as massas operárias e camponesas identificadas por suas camisas e bandeiras vermelhas, que se puseram no centro da cena política durante os últimos três meses.

Mas esses dirigentes hoje se renderam, enquanto as massas seguem combatendo em estado de revoltas defensivas contra o governo e o exército, porque por trás das demandas democráticas com as que a fração burguesa da Thaksin manipula as massas, existem as demandas e necessidades reais da classe operária e os camponeses pobres de pão, trabalho digno e terra. “*Abrimos os olhos e nos demos conta quem são nossos inimigos*”, dizem.

Ficou claro ante as massas operárias e camponesas mobilizadas que a fração burguesa da Thaksin e sua UDD as utilizaram para negociar através da arqui reacionária monarquia tailandesa, representante dos interesses diretos do imperialismo nesse país, por uma fatia da renda nacional. Também ficou demonstrado, como veremos depois, que esta fração burguesa teme mais à mobilização revolucionária das massas -e a do que esta derroque ao regime monárquico e ao governo assassino para conseguir suas demandas- que à monarquia e ao governo burguês da Abhisit e sua sangrenta repressão. Pois com eles é sócio, em maior ou menor medida, dos negócios capitalistas e do imperialismo no saque da Tailândia.

Uma vez mais as massas da Indochina se rebelam pelo pão, o trabalho e pela terra e chocam, na Tailândia com o regime monárquico pro imperialista e seus lacaios da burguesia nativa

Os combates da Tailândia retomam hoje o caminho da Birmânia de 2007, que ante o começo da crise se levantavam pelo pão em revoltas que fossem contidas pelos monges, quem se puseram à cabeçadas mesmas manipulando em seu benefício o sentimento antiimperialista das massas e sua luta contra o imperialismo para poder comer. É que nestes países da região da Indochina (hoje dividida nos países da Mianmar

–ex Birmânia-, Malásia, Cingapura, Tailândia, e os ex estados operários de Laos, Camboja e Vietnã) a classe operária e os explorados, sumidos numa enorme miséria e baixas condições de vida, responderam com levantamentos espontâneos ante a crise e o grito de guerra dos capitalistas de que

seja a classe operária a que a pague. Os operários e camponeses pobres da Tailândia hoje retomam ante a crise este caminho contra o imperialismo, e com seu combate irromperam aproveitando as brechas abertas nas alturas entre duas frações burguesas, como veremos depois.

A região da Indochina, que fosse colônia francesa até a expulsão (em 1956) do imperialismo francês pelo levantamento revolucionário das massas e que nos 60-70 derrotaram ao imperialismo ianque na guerra triunfante do Vietnã, é uma península que se encontra no sudeste da Ásia, ao sul da China.

Depois de entregar os estados operários à economia mundo a princípios dos 90, a burocracia stalinista em sua variante maoísta, devém em burguesia e através das joint ventures ou como gerentes locais se associa com as multinacionais -principalmente japonesas e norte-americanas- que se começam a instalar ali. É assim que Vietnã se converteu hoje numa maquiladora ianque e Laos numa reserva de mão de obra escrava que provê dos operários mais explorados da região, os que fazem os piores trabalhos, por exemplo, na Malásia e Tailândia nas maquiladoras japonesas e norte-americanas, alimentadas energeticamente com o gás da Birmânia.

Birmânia é o país que abastece de gás para que funcione todo o parque produtivo da região, bem como Bolívia o é para Latino América. Isto é que na Birmânia a classe operária vive numa enorme miséria, enquanto está paragem sobre enormes riquezas de hidrocarbonetos, que são saqueadas pelo imperialismo para aumentar seus lucros e abastecer da fonte de energia a suas maquiladoras da região nas quais super explora ao proletariado laosiano, cambojano, tailandês, chinês, etc. Por isso na Birmânia vimos uma das primeiras revoltas contra a fome e o ataque da burguesia a nível mundial contra os explorados desde que começasse no 2007 uma fenomenal crise econômica mundial.



Camisas vermelhas rompem ao exército burguês na Tailândia

Por outra parte, toda a região goza de condições ótimas para a agricultura, principalmente o centro da Tailândia que é conhecido como a “malga de arroz” da região, e é aproveitada pelas multinacionais agrícolas. Mas sobre tudo se beneficiando da mão de obra escrava (submetida já seja com regimes de terror como as

monarquias-autarquias ancestrais com formas democráticas da Camboja e Tailândia, ou com um regime bonapartista do partido único maoísta e o exército, como no Laos) o imperialismo -em primeiro lugar o japonês- instalou maquiladoras (tanto produtoras como ensambladoras) na região. **Por isso hoje Malásia é um dos grandes centros de concentração das maquiladoras japonesas no Pacífico.**

Assim, as multinacionais no Pacífico, na península da Indochina e na Tailândia em particular, instalam-se ocupando terras e expulsando ao camponês das mesmas, que fica ou bem como proletariado super explorado nas maquiladoras ou nas zonas de cultivos industriais (soja, arroz, palma oleosa, etc.), ou bem desempregado como exército industrial de reserva usado pelas multinacionais para afundar o salário da classe operária da região. Isto começou a fazer Japão nos 80 e com maior força nos 90, mas deu um novo salto depois dos primeiros signos de queda da taxa de lucro das multinacionais dos diferentes imperialismos instaladas na China quando estas se foram aos diferentes países da Indochina, e a outros setores do planeta, em procura de uma mão de obra com salários ainda menores. Tailândia é um

fiel reflexo disto, como o são todos os países da península da Indochina.

Indubitavelmente a derrota dos ex estados operários do Vietnã, Camboja e Laos fez de ímã a fortes investimentos imperialistas, por ter estes países um movimento operário relativamente culto e especializado entregue, com salários de fome, pela burocracia stalinista e maoísta ao mercado e a economia mundial imperialista.

Assim quando a esquerda reformista mundial fala da “decadência do Japão”, que “já teria sido ultrapassado por China como segunda economia mundial”, não faz mais do que encobrir as tropelias dos açougueiros imperialistas japoneses que se associaram a EUA em seus negócios de saque e brutal exploração da classe operária dos povos da Ásia, da China e da Indochina. O imperialismo japonês, como EUA, tem re-localizando suas empresas essencialmente no Pacífico, mas também na América Latina e África enquanto deixa a centenas de milhares de operários japoneses desempregados para afundar o salário de sua própria classe operária. Assim, sócio a EUA no saque dos povos oprimidos da Ásia, África e América Latina e colaborando no saque do Oriente Médio de onde obtém petróleo do Iraque para seus transacionais, é a forma na qual o imperialismo japonês e suas corporações obtêm super lucros para paliar sua crise e bancarota.

É esta sociedade comercial, política e econômica do Japão com EUA a que em última instância explica um aparelho militar comum, e as bases militares ianques no Japão, que são e estão para custodiar os interesses dos EUA e Japão como imperialismo secundário no Pacífico, tal qual ficasse depois da derrota ante o imperialismo anglo-ianque, como resultado da Segunda Guerra Mundial. Japão é o mais fiel aliado, por agora associado como segundo irmão, dos EUA no saque do planeta.

Esta questão não é denunciada pela esquerda dos países imperialistas que escondem as tropelias contra revolucionárias do Japão sob o manto ianque no domínio do planeta. É inútil, desde já, pedir-lhe aos partidos social-imperialistas que deixem de sê-lo, inclusive no Pacífico.

Tailândia, uma maquila super explorada pelo imperialismo

Tailândia é uma mais das maquilas do sudeste asiático, sendo a 10º exportadora de automóveis do mundo, com 500.000 operários só na indústria automotriz, e uma florescente industrial têxtil, sobretudo de fibras sintéticas, unida às autopeças e ao ramo da construção, favorecida pelo boom no comércio e a hotelaria. Importantes, mas em menor medida, são a indústrias químicas, metalúrgicas e de linha branca, principalmente em poder dos monopólios japoneses ou multinacionais de capital norte-americano e japonês.

Os negócios, principalmente as maquiladoras, fazem-se todos com investimentos imperialistas. A burguesia tailandesa

compartilha, seja na forma de joint ventures, de empresas associadas, ou como gerentes das empresas imperialistas diretas, os negócios que fazem os imperialistas na região.

Japão foi o que mais se meteu com Toyota, Nissan, Isuzu-Suzuki e Nippon Steel (esta última como sócia maior da companhia petroleira tailandesa em explodir gás e petróleo da Birmânia, e as companhias coreanas como Daewoo e outras, dominadas por Japão. A sua vez, em menor medida Inglaterra faz seus negócios, provendo de armas ao exército tailandês.

Outro setor importante da economia tailandesa –ainda que viesse em picada pela crise- a onde também se volcam os investimentos imperialistas, é a indústria do turismo, onde o negócio dos complexos turísticos está em mãos de um setor da burguesia tailandesa e também gera uma classe média rica unida ao mesmo.

Importante é destacar que depois do Japão, Estados Unidos entrou também conseguindo grandes vantagens para seus investimentos, compartilhando os negócios petroleiros das companhias tailandesas e malaias em Birmânia. Enquanto na Tailândia, faz entrar seu capital financeiro em forma de empréstimos, investimentos, bancos, etc., gozando de benefícios que não tem nenhuma outra potência imperialista neste país suas empresas são tratadas como empresas nacionais, pelo que estão isentas de pagar impostos e não lhes exige outros requisitos como o de ter membros tailandeses em seu diretório, ou ter que se associar e fazer joint ventures, etc. Isto lhe permite ao imperialismo ianque sacar a mais-valia limpa diretamente.

Ante o ataque de Abhisit e a rendição de Thaksin e a UDD, as massas ficaram combatendo independentemente em revoltas defensivas

Thaksin e a UDD para negociar sua partilha no botim da super exploração operária chamaram às massas a mobilizar-se. Até agora intervieram os camponeses pobres e os habitantes das vilas misérias que rodeiam Bangkok. Isto implica que a classe operária tem estado presente nas barricadas e as revoltas, ainda que sem fisionomia própria, sem fazer pesar seu papel como produtor das riquezas, dentro do movimento dos camisas vermelhas, sob demandas democráticas usadas pela fração burguesa da Thaksin para desviar às massas da luta por que a crise a paguem os capitalistas. Desde fevereiro, grandes massas de camisas vermelhas e suas famílias, que chegaram a ser uns 100.000 em abril, ocuparam o centro e as zonas de turismo mais luxuosas do Bangkok, incluindo a zona de atividade financeira (grandes bancos, a Bolsa, os enormes shoppings que são o coração dos negócios imperialistas na Tailândia) formando barricadas com canas de bambu aguçadas, pilhas de pneumáticos e todo tipo de elementos. Com fundas, estacas

de bambu e algumas armas curtas se prepararam para recusar os ataques seguros de seus inimigos.

Abhisit chegou num verdadeiro momento a propor chamar a eleições em novembro, pelo temor de que uma ala do exército que não estava de acordo com reprimir, se desse volta, e ademais era evidente do que uma parte da polícia e do exército se estavam dividindo e passando-lhe armas aos camisas vermelhas, e inclusive lutando fisicamente junto a eles. Mas ainda que os líderes da UDD tivessem aceitado o acordo, as massas se negaram rotundamente a aceitá-lo. Não tinham deixado tantos mortos, feridos e detentos para conseguir tão pouca coisa. Então o governo não esperou mais. Depois de meses de luta nas ruas por parte das massas contra o governo Abhisit e o exército assassino, com combates que custaram mais de 80 mortos e milhares de feridos entre os manifestantes e os repressores, o governo decretou o estado de sitio para facultar ao exército que detenha sem entraves judiciais e declarar que seja delito estar fora de casa depois das 20 horas. Abhisit decidiu a terça-feira 18 de maio fechar todo diálogo e atacou o acampamento dos camisas vermelhas na zona financeira e turística, derrubando as barricadas com tanques, disparando granadas e balas de rifles. Ante o ataque, um grande setor dos líderes da UDD se entregou e chamou á des-mobilização. No entanto os manifestantes não obedeceram, (bem como antes tinham recusado as negociações por suspeitas de pactos encobertos) e setores deles foram queimar edifícios ou a livrar escaramuça com as tropas em outras partes da cidade.

O ataque do governo, longe de acalmar a situação, agonizou-se, não só no Bangkok (a capital da Tailândia) senão também nas províncias do norte e nordeste, bastões da UDD. Nessas províncias grandes grupos de manifestantes queimaram edifícios municipais com seus anexos nas cidades do Udon Thani, Kon Kaen, que são importantes cidades, bem como a governança de uma das províncias orientais. Em Bangkok se queimaram ao redor de 70 edifícios estatais e privados, inclusive dois dos mais importantes e imensos shoppings, o edifício da Bolsa de valores da Tailândia e os escritórios do canal 3 de televisão e de alguns jornais em idioma inglês.

A UDD se rendeu, mas as massas seguiram combatendo em estado de revolta contra Abhisit e a casta de oficiais assassinos do exército tailandês. Já identificaram a seus inimigos. Thaksin e outros dirigentes da UDD extra oficialmente confessaram que perderam o controle das massas, reconhecendo que entre as brechas nas alturas irromperam as massas pauperizadas.



A grande lição destes combates da Tailândia é que o camponês pobre e os operários agrícolas precisam, para romper com a burguesia “opositora”, de uma intervenção audaz e decisiva do proletariado da Tailândia, que concentrado em enormes empresas automotivas, devem ser os que acaudilhem e dirijam o próximo levantamento revolucionário, porque são os únicos que poderão levá-lo ao triunfo. É que eles são capazes de atacar e expropriar ao grande capital imperialista e controlar as molas chaves da economia da Tailândia

Neste primeiro embate, o proletariado interveio

diluído nessa aliança com a burguesia e como camponês pobre. A luta por pôr em pé os comitês de fábrica em todas as maquiladoras da Tailândia é inseparável da luta por estabelecer a aliança operária e camponesa sob a direção do proletariado, derrotando ao estado e ao regime burguês.

Para isso a condição será romper com a burguesia. É uma obrigação de todas as organizações que se dizem representantes do proletariado romper com a burguesia, por mais de “opositora” e de “vvvvvvvvvermelho” do que esta se vista para manipular a luta revolucionária das massas.

As massas exploradas da Tailândia já estão sacando a conclusão de que a burguesia “opositora” e os famosos oficiais que posavam de libertadores do povo se renderam de forma cínica e covarde deixando-as expostas a uma brutal repressão. Esses oficiais, como parte da casta de oficiais burguesa do exército da Tailândia, jamais enfrentarão de forma decisiva a suas congêneres da casta de oficiais do exército da monarquia, porque em última instância respondem aos mesmos interesses de classe.

Os aliados dos explorados não são outros que os soldados rasos, aos que a milícia operária e camponesa

uma vez desenvolvida até o final chamará audazmente a pôr em pé seus comitês. Assim se estabelecerá o verdadeiro duplo poder na Tailândia, que não será uma luta de pressão como a que utiliza a burguesia e suas diferentes frações para se repartir os negócios, senão que o constituirão os conselhos de operários e camponeses pobres com suas milícias e os comitês de soldados.

Pela destruição da casta de oficiais do exército assassino, servente da monarquia e o imperialismo! Há que pôr em pé uma milícia operária e camponesa para ganhar à base do exército que organize seus comitês de soldados!

Para conseguir pão, terra, trabalho e todas as demandas das massas...

Abaixo a monarquia!

Por um governo de operários e camponeses apoiado nos organismos de democracia direta das massas, sua milícia e os conselhos de soldados rasos!

Fora o imperialismo!

As massas que não se renderam seguem combatendo e estão armadas, já que assaltaram delegacias e receberam armas de soldados e polícias. É que não conseguiram suas verdadeiras demandas pelas que se levantaram, isto é, pão, trabalho, terra e a independência nacional. Isto é pelo que vêm lutando e dando suas vidas. As massas na Indochina já antes se levantaram pelo pão, isto é por não pagar a crise que a parasita burguesia mundial provocou e quer fazer que as massas a paguem com fome, miséria e super exploração. Essa briga hoje vive nos explorados da Tailândia.

É por isso que chamamos aos operários e camponeses pobres em luta a organizar-se num congresso nacional operário e camponês para coordenar as lutas por todas as reivindicações dos explorados. Para defender a este congresso, é necessário centralizar os combates e pôr em pé a milícia operária e camponesa para ganhar à base do exército e assim enfrentar à casta de oficiais do exército e à polícia assassina. Não se pode conseguir pão, terra nem trabalho digno com nossos melhores combatentes presos, com o exército nas ruas, com o toque de recolher e o estado de sítio. Abaixo o estado de sítio e o toque de recolher! Liberdade aos operários e camponeses presos por lutar contra este regime assassino!

Chamamos aos soldados rasos que se negam a reprimir aos trabalhadores e ao povo pobre e que lhe passaram armas às massas sublevadas, a que desconheçam a seus oficiais e passem ao lado dos oprimidos, formando comitês que enviem delegados a esse congresso de operários e camponeses pobres.

Chamamos às heróicas massas que incendiaram a bolsa do Bangkok, os edifícios estatais, combatido ao exército e que se levantaram contra o governo a tomar a solução destas demandas em suas próprias mãos e a não confiar em Thaksin nem em nenhuma outra fração da burguesia. Eles só querem negociar sua parte dos negócios da que foram excluídos, mas protegem suas propriedades a toda costa. Assim ficou demonstrado, já que quando a luta se endureceu e ante o temor de que a próxima propriedade que se incendie ou se tome seja deles, esta fração da burguesia se rendeu e chamou a

desmobilizar. A burguesia em seu conjunto, junto com a monarquia são os que amarram a nação ao imperialismo, permitem sua espoliação e fazem negócios com a exploração de sua classe operária entregando-a como mão de obra barata graças ao qual o imperialismo, ainda no meio da crise consegue enormes super lucros. Como lacaios do imperialismo são os que devem garantir que seja a classe operária e os explorados da Tailândia os que paguem pela crise do capitalismo. Abaixo a monarquia e seu regime totalitário, agentes do



Polícia abatido pelos explorados da Tailândia

imperialismo no saque da nação oprimida! Abaixo o governo, a casta de oficiais assassinos, o estado e todas suas instituições ao serviço dos exploradores!

Para conquistar a independência nacional há que jogar ao imperialismo da região e para isso há que começar por romper com a burguesia e todos seus partidos e instituições. Já ficou demonstrado que nenhuma fração burguesa, ambas amarradas por milhares de laços ao imperialismo, pode conseguir essa independência. Por isso a fração “democrática” da Thaksin não pode nem sequer convocar a uma Assembléia Constituinte com um delegado cada 10 mil habitantes. Só o congresso de operários e camponeses pobres com suas milícias derrotando ao governo e à monarquia e tomando o poder pode garantir romper com o imperialismo, conquistar o pão para os operários e a terra para os camponeses, expropriando aos expropriadores, e convocar inclusive a uma Assembléia Constituinte livre e soberana sobre a base da ruína do regime de opróbrio da monarquia, servente do imperialismo.

Para expulsar ao imperialismo que saqueia as riquezas da nação e super explora à classe operária, o proletariado deve expropriar sem pagamento as fábricas, os bancos, as terras em mãos das multinacionais e pô-las a produzir sob controle operário ao serviço da imensa maioria do país, isto é, os explorados e os camponeses pobres. Assim, expropriando os latifúndios o proletariado pode dar-lhe a terra ao camponês; expropriando sem pagamento todos os bancos numa banca estatal única poderá dar-lhe ao camponês créditos baratos.

Nada disto poderá ser conseguido enquanto os burgueses submissos, lacaios, sócio menor e gerente a conta do imperialismo siga no governo... Por um governo operário e camponês que garanta trabalho para todos com um salário digo para os operários tailandeses e seus irmãos laosianos! Ao igual trabalho, igual salário! Por serviços de saúde e educação gratuitos para os operários e os camponeses e seus filhos, moradias dignas expropriando os palácios, os hotéis e shoppings de super luxo para fazer moradias, centros de recreação e hospitais para as massas! Todo mundo a trabalhar, basta de parasitas! Esse governo operário e camponês baseado nos organismos de autodeterminação e armamento das massas que leve adiante todas estas tarefas será um milhão de vezes mais democrático do que a mais democrática das repúblicas burguesas.

Para que a península da Indochina volte a ser a tumba do imperialismo, uma só revolução!

Os aliados da classe operária e os explorados tailandeses são os operários e explorados da Birmânia que se rebelaram em 2007 por suas mesmas demandas. Eles podem expropriar às transacionais e pôr o gás ao serviço dos explorados da Indochina. **Seus aliados são os operários do Vietnã, Laos e Camboja** super explorados pelo imperialismo, que têm suas mesmas necessidades de pão, trabalho e terra, e um inimigo em comum que enfrentar para conseguir-lhas, e que já têm experiência em revoluções e em expropriar aos expropriadores, vencendo-os em guerras nacionais. A possibilidade de um segundo embate revolucionário das massas da Tailândia, esta vez acaudilhado pelo proletariado, faz tremer a todos os exploradores da região. Ao imperialismo ianque se lhe gela a pele. A emergência da classe operária vietnamita em operações revolucionárias de classe não só lhe ferrará novamente na história uma fenomenal derrota aos açougueiros imperialistas ianques, senão também aos traidores da burocracia stalinista ho chi minhista, hoje devinda em nova burguesia escravista.

A luta pela revolução operária e socialista na Tailândia nada mais é do que um elo na corrente de revoluções que na península da Indochina terá em sua vanguarda às massas revolucionárias do Vietnã, às quais, a fins dos 80 e princípios dos 90, a burocracia stalinista lhes impôs um plano de reconciliação com os açougueiros ianques, que significou a

transformação do Vietnã vitorioso, numa nova maquila do imperialismo.

O combate pela restauração da ditadura do proletariado no Vietnã, Laos e Camboja é imprescindível para expulsar a todas as potências imperialistas que saqueiam a península da Indochina e para que o embate revolucionário de massas que começou na Tailândia possa triunfar.

Em Tailândia, como em toda a península da Indochina, só a classe operária acaudilhando aos explorados da nação oprimida é a única classe nacional no sentido de que pode expropriar aos parasitas imperialistas e pôr toda a riqueza da nação ao serviço da mesma. Desde a FLTI **chamamos a uma luta unificada da classe operária e os explorados da Indochina por expulsar ao imperialismo da região, expropriar as fábricas, as terras, os bancos, o gás e os recursos naturais para pôr toda a riqueza dessas nações ao serviço da classe que a produz.**

O combate pela posta em pé imediata de uma milícia operária e camponesa não só prepararia e organizaria um segundo e decisivo embate revolucionário contra o regime infame da Tailândia, senão que seria um verdadeiro choque elétrico que impactaria sobre as massas vietnamitas, que são iguais de exploradas pelo imperialismo que as tailandesas e que derrotaram ao império ianque nos 70 numa guerra civil de libertação nacional, fazendo subir ao último marine ao último helicóptero fugindo do Saigon. Aí estão os que venceram à besta imperialista. Mas também aí se concentraram as forças da lacra stalinista, que, sustentada pelos renegados do trotskismo, entregou as conquistas dos estados operários à restauração capitalista. E desde Cuba, com sua política de coexistência pacífica com o imperialismo aplicada pela burocracia castrista, levou à classe operária norte americana, que na década dos 70 se mobilizava paralisando a maquinaria de guerra imperialista, aos pés de Carter, para depois trair os novos Vietnã de Nicarágua e o Salvador, com os pactos contra revolucionários de Esquipulas e Contadora.

Se se põe em marcha o movimento operário e camponês vietnamita, a não o duvidar que o armamento generalizado das massas e o combate contra o imperialismo retomaria um impulso decisivo não só na península Indochina, senão a nível mundial. Que se voltem a pôr em pé as milícias vietnamitas que esta vez não virão das massas camponesas senão do proletariado super explorado nas maquilas do imperialismo!

Abaixo os regimes de fome e ditatoriais da região!

Abaixo a lacra stalinista-maoísta devinda em nova burguesia associada ao imperialismo japonês e ianque! Pela restauração da ditadura do proletariado em Camboja, Laos e Vietnã, esta vez sob formas revolucionárias!

Por um governo operário e camponês na Tailândia! Pela revolução socialista na Birmânia, na Malásia e na Cingapura!

Por uma federação de repúblicas socialistas operário-camponesas da Indochina!

As massas famintas da Coreia do Norte se levantam contra a brutal carestia da vida imposta pela burocracia stalinista que as entrega à super exploração imperialista por um dólar ao mês.

Ao mesmo tempo, a classe operária chinesa se põe de pé. A imprensa imperialista dá conta de 978.000 lutas operárias no último ano, somadas às 250.000 revoltas no campo. O mês passado, os operários da Funda paralisaram todas as fábricas que esta corporação japonesa tem instaladas na China, conseguindo um 24% de aumento. Aumento que também conseguiram os 800.000 operários da empresa eletrônica Foxconn, submetidos a uma super exploração que os leva ao suicídio ou a morrer extenuados junto às máquinas fazendo retroceder aos capitalistas e exploradores.

As transacionais que super exploram ao proletariado chinês e saqueiam a essa nação são as mesmas que exploram ao proletariado da Indochina. É o mesmo inimigo.

A classe operária dos países imperialistas, principalmente do Japão, tem a chave para golpear à besta imperialista e suas corporações desde adentro. As correntes que se reivindicam trotskistas e revolucionárias do Japão não podem seguir indiferentes e olhar para outro lado do heróico combate que começaram as massas operárias e camponesas dos povos que seu próprio imperialismo oprime como sócio do imperialismo ianque.

Insistimos, a classe operária japonesa, derrotando ao stalinismo, à socialdemocracia e a seus próprios partidos imperialistas terá a chave, para sacar do martírio e a escravatura à classe operária e os povos oprimidos do mundo, e avançar em conquistar a Federação de Repúblicas Socialistas da Ásia, Indochina, a península da Coreia e todo o Pacífico.

Que se levante a classe operária japonesa ao grito de “A igual trabalho, igual salário”! São as mesmas corporações que os exploram a eles também. Se derrotam à classe operária da China e da Indochina, a patronal imperialista japonesa lhe imporá a sua própria classe operária as condições das maquiladoras que tem no mundo colonial e semi colonial. A classe operária japonesa deve unir sua sorte à dos explorados da China, Tailândia, Malásia, Laos e todo o Pacífico!

O terror do imperialismo, a classe operária asiática, põe-se de pé! Que comece a revolução no pacífico!

Toda a burguesia, inclusive a lacra stalinista devinda em nova classe possuidora escravista do Vietnã, Camboja, Laos e China, aterrorizam-se com a perspectiva de que as revoltas na Tailândia (como ontem na Birmânia) estendam-se a toda a

península, e inclusive à China dos mandarins vermelhos, abrindo a revolução no Pacífico.

As burocracias restauracionistas devindas em burguesias, sócias do imperialismo, do Vietnã e da China sabem perfeitamente o que significam processos de ofensivas revolucionárias das massas sob condições objetivamente revolucionárias, como as que eles sofreram e que os obrigaram, sob a pressão revolucionária das massas, a chegar a onde eles nunca quiseram chegar: a expropriar à burguesia. Foram estas mesmas burocracias as que, esmagando às massas em contra revoluções como na Tiananmen, ou na guerra chinês-vietnamita de fins dos 70 –guerra que não teve outro objetivo que derrotar e desmoralizar, sob as ordens do pacto Nixon - Deng Xiao Ping, às massas vietnamitas que tinham derrotado ao imperialismo ianque no 75-, prepararam as condições para passar a ser agentes diretos do imperialismo mundial avançando na restauração capitalista.

A lacra stalinista com sua política de coexistência pacífica com o imperialismo impediu, tanto à saída da Segunda Guerra Mundial como depois da derrota ianque dos 70 no Vietnã, que todo o Pacífico e a península da Indochina em particular se converta numa federação de repúblicas operárias e socialistas da Indochina, da península da Coreia, China, Filipinas e toda a região, e que a mesma seja a tumba, como o fosse Vietnã, de todas as potências imperialistas.

A revolta de ontem na Birmânia e a luta revolucionária que começou das massas da Tailândia põe ao vermelho vivo a luta pela revolução socialista na península da Indochina, como assim também, e indissolúvelmente unido a este combate, a luta pela restauração da ditadura do proletariado sob formas revolucionárias no Laos, no Camboja, no Vietnã e na China, onde a restauração capitalista significou fome, repressão e massacre.

Na Ásia e todo o Pacífico maduram as condições para que o bolchevismo renasça de forma vigorosa. Sob essas condições, a continuidade da IV Internacional vive e viverá, e do martirizado proletariado asiático, surgirão, a não duvidar, os batalhões decisivos que porão sobre seus ombros o combate por re-fundar a IV Internacional com o programa, a teoria e as limpas bandeiras do ano 1938.

Não é porque as massas da Indochina não tenham lutado que não existe um partido revolucionário nessa região. As poderosas seções chinesas e vietnamitas da IV Internacional de 1938 foram destruídas fisicamente pelo termidor stalinista apoiado pelos renegados do trotskismo que desde a saída da Segunda Guerra Mundial se puseram a seus pés o sustentou e se submeteram à burocracia ho chi minhista hoje devinda em nova classe possuidora.

O que impede que as massas revolucionárias da Tailândia se façam do poder é a sobre abundancia de direções traidoras que hoje o imperialismo recrutou e centralizou num grau

superior para garantir o redobrado ataque sobre a classe operária e as massas exploradas do mundo e fazer que elas paguem pelos custos da crise, submetendo-as a sua própria burguesia país por país tanto nos países imperialistas como nas colônias e semi colônias. São estas direções, hoje agrupadas na V Internacional contra revolucionária, as que encabeçadas por Chávez, Hu Jintao, e a burocracia restauracionista castrista e sustentadas por esquerda pelos renegados do trotskismo, puseram à classe operária norte-americana aos pés do Bush tisonado de Obama e à classe operária das colônias e as semi-colônias aos pés das burguesias “bolivarianas”, islâmicas, negras, e dos ex burocratas devindos em burgueses nos ex estados operários.

Para que a classe operária avance decisivamente em romper o isolamento e a subordinação à burguesia país por país, impostos por essas direções é necessário que volte a pôr-se em pé a IV Internacional com seu programa revolucionário de 1938. Há que preparar e organizar uma contra-ofensiva contra as maquilas imperialistas em todo o Pacífico, mas para isso, o marxismo revolucionário, sobre as ruínas do stalinismo deverá pôr em pé os partidos trotskistas internacionalistas sem os quais será impossível o triunfo.

Essa é a tarefa à qual estão volcadas as forças da FLTI, como um ponto de apoio para pôr em pé um Comitê pela re-fundação da IV Internacional para dotar à classe operária e as

massas exploradas do mundo da direção que precisam e se merecem para triunfar.

A classe operária asiática se põe de pé! Que comece a revolução no pacífico!

Pela re-fundação do partido trotskista de Tha Thu Thau na Indochina e a seção da Quarta Internacional de Chen Duxiu na China!

A classe operária norte-americana deve romper com Obama e retomar o combate onde foram derrotados, em General Motors e Toyota, para saldar contas com o regime dos “republicratas” e levantar cabeça para expropriar aos parasitas banqueiros de Wall Street que levaram à ruína à classe operária desse país. A classe operária norte-americana deve unir sua sorte à de seus irmãos de classe das colônias e semi-colônias super explorados por sua própria burguesia imperialista: o inimigo está em casa.

Que se volte a pôr em pé a Marcha do milhão de operários contra a guerra e o movimento pelos direitos dos imigrantes!

Que os heróicos portuários de Oakland bloqueiem os portos para que não cheguem petrechos ao estado sionista-fascista de Israel massacrador do povo palestino, voltem a parar os portos contra as guerras do açougueiro Obama!



Quem são Thaksin Shinawatra e seu UDD; e quem são os atuais governantes Abhisit e o rei?

A burguesia tailandesa está unida aos investimentos imperialistas da região. Abhisit, a casta de oficiais do exército e a elite thai (fração burguesa da Thaksin, NdT) são quem controlam isto, que deslocaram à variante burguesa nacionalista da Thaksin.

Na Tailândia governa o rei Bhumipol Adulyadej, que está já idoso (82 anos) e enfermo. Mas, tal como na Espanha, há eleições a um parlamento fantoche e a um premiê, que faz as vezes de chefe de governo. O rei –que pertence a uma dinastia que está no trono desde faz centos de anos- ainda até faz pouco tempo mantinha um halo de “divindade” e precedência dos assuntos políticos que lhe permitia fazer de árbitro entre os setores burgueses e seus seguidores, mas isto se perdeu, já que vem apoiando abertamente as repressões do Abhisit. Rodeando ao rei e aliado com o setor mais concentrado e tradicional da burguesia tailandesa se acham os nobres da corte e os chamados “camisas amarelas”, jovens pertencentes à nobreza e à pequena burguesia do Bangkok enriquecida pelo turismo e os negócios financeiros da bolsa tailandesa, que têm o respaldo do exército e o ano passado protagonizaram um putsch (golpe) tomando o aeroporto internacional do Bangkok, para evitar que Thaksin (que se encontra no exílio) volte ao país e que seus apoiantes forçassem um chamado a eleições (que todos sabem tivesse ganhado Thaksin facilmente nesse momento).

Thaksin foi eleito em 2001 e depois reeleito em 2005, como premiê, isto é, como chefe da junta que administra os negócios da burguesia de conjunto, neste caso a burguesia thai, sócia menor e gerente local dos investimentos diretos imperialistas nesse país. É assim que Thaksin e sua liga (que mais tarde formaram a UDD, arrastando detrás de si a grandes setores de massas, os “camisas vermelhas”) estiveram no diretório da elite (a burguesia thai), já que ele mesmo é um rico empresário de telecomunicações e dono de cadeias de televisão e telefonia por satélite, com investimentos em toda a região.

Como político, com discurso demagógico e populista, prometeu às massas pobres da Tailândia redistribuir a renda, serviços sociais e de saúde pública ao alcance de todos, microcréditos para as famílias e micro empreendimentos. Sob o governo Thaksin se implementaram algumas destas medidas, deixando aos camponeses com linhas elétricas, celulares e ar condicionado, mas sem nada que comer e na extrema pobreza.

Este burguês thai milionário foi deposto por um golpe em 2006 e as eleições chamadas pela junta militar que deu o golpe foram ganhadas por uma coligação da UDD com outros opositores menores, a que fora imediatamente despojada do poder (sem eleições, senão por decisão do rei e da elite, com o apoio da maioria do exército) para que assuma o atual premiê Abhisit Vejjajuvá, quem abriu causas contra Thaksin e congelou suas contas bancárias por mil milhões de libras.

Seja pelas pequenas concessões que deu às massas, ou bem seja pela perseguição da ala do Abhisit, Thaksin se colocou como uma espécie de “ídolo”, arrastando detrás de si a grande quantidade de camponeses pobres, reprimidos brutalmente por Abhisit e o exército tailandês assassino.



100.000 mobilizam-se contra o governo

Assim, a fração da burguesia nacional do Thaksin se apoiou no camponês pobre para negociar sua fatia da renda nacional da super exploração ao movimento operário; e hoje ao estar por fora dos negócios, para recuperá-la, os chama a mobilizar-se contra Abhisit abrindo brechas nas alturas. Para isto usa palavras de ordenes democráticas formais de “novas eleições”, mas demagógicas, já que para nada chama ao derrocamento revolucionário da arqui reacionária monarquia que é a instituição fundamental através da qual o imperialismo controla o estado e o regime da Tailândia e obtém os super benefícios de saque da nação. Monarquia que normalmente faz de árbitra entre as frações burguesas e concentra em seu poder as bandas de homens armados ao serviço do

imperialismo e de todas as classes possuidoras da nação.

Para nada se vai ocorrer a Thaksin e a sua fração burguesa “opositora” impulsionar até o final as demandas democráticas estruturais como são a expulsão do imperialismo da nação e a luta pela terra e a reforma agrária. É que lhe temem mais às massas mobilizadas e armadas que a seus sócios burgueses e imperialistas com os quais têm confrontos circunstanciais mas milhares de negócios em comum.

Por isso, as massas já perceberam que só poderiam obter as demandas de pão, trabalho e terra atirando abaixo ao governo de fome e ao arqui reacionário regime monárquico.

É por isso que os oficiais do exército do Thaksin e a burguesia que controlava às massas em luta se renderam justo no momento em que a luta operária e camponesa tendia a transformar-se numa insurreição vitoriosa das massas exploradas que podia deixar desfeito ao regime monárquico, ao estado burguês e a todas suas instituições.

Renderam-se, em última instância, para facilitar a repressão sangrenta contra as massas que já não as podiam controlar nem manipular.

Indubitavelmente, o que Tailândia volta a pôr sobre a mesa no combate da classe operária internacional é que a classe operária, arrastando detrás de si aos camponeses pobres, é a única classe que poderá levar até o final as conquistas das demandas democráticas revolucionárias das massas e a nação oprimida, fazendo-se do poder, expropriando aos exploradores, e demolindo a maquinaria estatal existente que funciona a conta deles.